



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
***CAMPUS SOBRAL***  
**CURSO DE MÚSICA - LICENCIATURA**

**JOSÉ UÉLITO TERTO DE SOUZA FILHO**

**A RELAÇÃO ENTRE A DISCIPLINA DE HARMONIA E ESTUDANTES DE  
INSTRUMENTOS MELÓDICOS: UMA INVESTIGAÇÃO NO CURSO DE MÚSICA-  
LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, *CAMPUS SOBRAL*.**

**SOBRAL**

**2017**

JOSÉ UÉLITO TERTO DE SOUZA FILHO

A RELAÇÃO ENTRE A DISCIPLINA DE HARMONIA E ESTUDANTES DE INSTRUMENTOS MELÓDICOS: UMA INVESTIGAÇÃO NO CURSO DE MÚSICA-LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, *CAMPUS* SOBRAL.

Monografia apresentada ao Curso de Música - Licenciatura da Universidade Federal do Ceará, *Campus* Sobral como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Música. Área de concentração: Educação Musical.

Orientador: Prof. Dr. João Emanuel Ancelmo Benvenuto.

SOBRAL

2017

---

Página reservada para ficha catalográfica.

Utilize a ferramenta *online* [Catalog!](#) Para elaborar a ficha catalográfica de seu trabalho acadêmico, gerando-a em arquivo PDF, disponível para download e/ou impressão.

(<http://www.fichacatalografica.ufc.br/>)

---

JOSÉ UÉLITO TERTO DE SOUZA FILHO

A RELAÇÃO ENTRE A DISCIPLINA DE HARMONIA E ESTUDANTES DE  
INSTRUMENTOS MELÓDICOS: UMA INVESTIGAÇÃO NO CURSO DE MÚSICA-  
LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, *CAMPUS* SOBRAL.

Monografia apresentada ao Curso de Música -  
Licenciatura da Universidade Federal do  
Ceará, *Campus* Sobral como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciado em Música.  
Área de concentração: Educação Musical.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. João Emanuel Ancelmo Benvenuto (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Leonardo da Silveira Borne  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Marcelo Mateus de Oliveira  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

## **DEDICATÓRIA**

A Deus.

Aos meus pais, José Uélito e Maria Lenice.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Dr. João Emanuel Ancelmo Benvenuto, pela excelente orientação.

Aos professores participantes da banca examinadora Leonardo e Marcelo pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos estudantes entrevistados, pelo tempo concedido nas entrevistas.

Aos meus pais que fizeram da música minha brincadeira preferida de criança.

“Toda criança saudável improvisaria se lhe fosse permitido...”-Kodály

## RESUMO

Este trabalho trata das relações de aprendizagem construídas entre instrumentistas melódicos e a disciplina de Harmonia. Discorre sobre os caminhos formativos que instrumentistas melódicos perpassam até chegarem à disciplina de Harmonia. Para isso, analisa as semelhanças e diferenças formativas dos discentes das Práticas Instrumentais melódicas (Sopros e Cordas Friccionadas) e harmônicas (Violão e Teclado) do curso de Música da UFC/Sobral no que diz respeito às competências e habilidades adquiridas no campo da Harmonia levando em consideração os estímulos que lhes foram apresentados em Prática instrumental.

**Palavras-chave:** Educação Musical. Linguagem Harmônica. Instrumentistas Melódicos.

## **ABSTRACT**

This work deals with the relations of learning built between melodic instrumentalists and the discipline of Harmony. It discusses the formative paths that melodic instrumentalists pass through until they reach the discipline of Harmony. For this, it analyzes the similarities and formative differences of the students of the Instrumental Practices (Winds and Strings) and harmonics (Guitar and Keyboard) of the course of Music of the UFC/Sobral with respect to the skills and abilities acquired in the Field of Harmonia leading in consideration of the stimuli presented to them in instrumental Practice.

**Keywords:** Musical education. Harmonic Language. Melodic Instrumentalists.

## LISTA DE GRÁFICOS, TABELAS E FIGURAS

Gráfico 1 – Conhecimento Prévio na Área de Música.....	30
Gráfico 2 – Quantidade de Instrumentistas Melódicos x Harmônicos.....	34
Gráfico 3 – Parâmetro de Instrumentos.....	35
Gráfico 4 – Média de tempo de estudo do instrumento.....	35
Gráfico 5 – Formação coerente na disciplina e preparo para aplicar os conhecimentos abordados em aula.....	50
Tabela 1 – Principais métodos utilizados nas Práticas Instrumentais.....	38
Figura 1 – Plano de ensino de Harmonia 2016.1.....	43

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	14
	<b>O curso de Música em Sobral.....</b>	15
	<b>Justificativa.....</b>	19
	<b>Objetivos.....</b>	19
<b>1</b>	<b>CAPÍTULO 1: Uma Análise Curricular do Projeto Pedagógico do Curso de Música da UFC/Sobral.....</b>	21
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 2: Metodologia e Análise de Dados da Pesquisa.....</b>	27
2.1	Aspectos metodológicos da pesquisa.....	27
2.2	Análise dos dados da pesquisa.....	29
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	58
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	62
	<b>APÊNDICE A – Instrumento de Coleta de Dados.....</b>	64
	<b>APÊNDICE B – Transcrições dos Dados Coletados a partir da Aplicação do Questionário Realizado com Estudantes do Curso de Música – Licenciatura da UFC, Campus Sobral.....</b>	66

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como intuito compreender as principais relações de aprendizagem<sup>1</sup> construídas entre as disciplinas de Harmonia e os estudantes de instrumentos melódicos do curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Ceará (UFC), *Campus Sobral*.

Esta investigação, na verdade, fundamenta-se em minha experiência como estudante do curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Ceará (UFC), *Campus Sobral*. Há quatro anos tive a oportunidade de entrar em uma importante experiência de vida: frequentar um curso de formação inicial de professores de música. Na universidade tive a oportunidade de conviver com vários estudantes e professores que traziam experiências enriquecedoras relacionadas ao campo da música.

Deste convívio com os colegas, pude observar que alguns estudantes tinham facilidade em absorver os conteúdos ministrados nas disciplinas de Harmonia<sup>2</sup>, já outros não tinham essa mesma compreensão. Com o passar do tempo, essa minha percepção se vinculava especialmente aos estudantes que optavam por um instrumento melódico durante sua graduação, observei que os discentes que tinham algum tipo de dificuldade em relação à disciplina, quase sempre eram estudantes que tocavam algum instrumento melódico, fato interessante sobre a disciplina que serviu de alicerce para o andamento desta pesquisa e para a formulação da minha hipótese.

A partir dessa análise e inquietação inicial traçada entre a disciplina de Harmonia e esses estudantes, surgiu minha hipótese de que estudantes de instrumentos melódicos tinham uma maior dificuldade em compreender a linguagem harmônica.

A respeito dos instrumentos melódicos diz Antônio Carrasqueira (2001, p. 2):

Cabe aqui definir que instrumentos melódicos são aqueles que se caracterizam por tocar apenas uma nota de cada vez. É o caso dos instrumentos de sopro, como flauta, oboé, clarineta, fagote e trompa, que não podem tocar duas, três ou mais notas simultaneamente, formando acordes, como fazem o piano, o violão, o órgão ou o acordeão. Os instrumentos melódicos tocam as notas dos acordes de forma arpejada: uma após a outra. Também podem ser considerados como melódicos os instrumentos de cordas friccionadas (violino, viola, violoncelo e contrabaixo), apesar de esses instrumentos eventualmente tocarem mais notas ao mesmo tempo.

---

<sup>1</sup> Relações de aprendizagem, nesse contexto, será o conjunto de experiências vivenciadas pelos estudantes de instrumentos melódicos que dialogue com o campo da harmonia, além dos processos formativos que estes perpassam diante do curso para adquirir esse conhecimento.

<sup>2</sup> No presente trabalho, Harmonia (com H maiúsculo) é referente a disciplina do curso e harmonia (com h minúsculo) é tomada como um campo de estudo.

Acredito que a experiência que o professor e flautista Antônio Carrasqueira (2001, p. 3) relata em sua tese de doutorado se aproxima bastante da relação dos estudantes de instrumento melódico do curso de Música da UFC Sobral com o campo da Harmonia. O autor nos mostra que os estudantes de flauta egressos do departamento de música da USP quase sempre possuem alguma dificuldade em algum conteúdo do contexto harmônico. Explana que os estudantes de “bom nível instrumental” passam pelas mesmas situações. Inclusive, ressalta que apesar dos discentes passarem pelas disciplinas de harmonia, eles têm dificuldades em assimilar determinados assuntos.

Diz o Professor Antônio Carrasqueira:

Observando os alunos de flauta que ingressam no Departamento de música da USP, vejo que, com raríssimas exceções, mesmo aqueles que apresentam um bom nível instrumental, não possuem uma compreensão clara da construção dos acordes. É interessante constatar que, mesmo frequentando as aulas de harmonia, eles ainda têm dificuldade em pensar harmonicamente quando tocam seus instrumentos. [...] A formação do instrumentista melódico se dá de uma maneira que não o leva a ter uma compreensão dos acordes. (CARRASQUEIRA, 2001, p. 3)

Diante do anteriormente exposto, os instrumentistas melódicos parecem ter dificuldades na compreensão dos conteúdos abordados em Harmonia, acreditamos que pode ser devido ao pouco contato com a harmonia durante as suas práticas instrumentais.

Nesse sentido para uma melhor compreensão da pesquisa, faz-se necessária uma explanação sobre o contexto do curso de Música, assim como suas disciplinas de Práticas Instrumentais (Sopros, Cordas Friccionadas, Violão e Teclado) e as disciplinas teórico-práticas de Harmonia, com o intuito de esclarecer os caminhos que esses discentes percorrem até chegarem à disciplina de Harmonia, dessa maneira contribuindo para uma melhor compreensão do ambiente investigado.

### **O Curso de Música em Sobral**

O curso de Música da UFC em Sobral foi criado no ano 2010 e oferece à região Norte do Estado do Ceará uma Licenciatura na área. Esse contexto permite ao discente em formação experimentar uma série de conhecimentos que são considerados no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), essenciais ao que se chama de “perfil do egresso”, como conteúdos didáticos para a atuação do professor, a experiência na docência a partir do estágio, o canto como eixo norteador da expressão musical e as práticas instrumentais como um espaço de especialização e desenvolvimento musical.

Nesse contexto, as práticas instrumentais se mostram como caminhos que geram elementos de distinção entre os estudantes. Estudantes de violão e teclado, por exemplo, seguem de certa forma um caminho musical específico; já estudantes de sopros e de cordas friccionadas seguem outro. Deste modo, os métodos empregados na aprendizagem musical, a partir da expressão de um instrumento específico, ou mesmo a cultura musical que se desenvolve a partir da aquisição de um determinado tipo de técnica, bem como vivência com um tipo específico de repertório, influenciará em um subseqüente aprendizado peculiar.

Sendo assim, os alunos de práticas instrumentais distintas, por terem contato com um universo fomentado por seus instrumentos, acabam especializando-se em um contexto específico que os diferenciarão de outros discentes que escolheram outra prática instrumental.

Tendo em vista as práticas instrumentais e as formas como elas são ofertadas para os discentes, percebe-se que os estudantes de instrumentos harmônicos, como Violão e Teclado, passam por uma formação muito mais voltada à assuntos que serão abordados, posteriormente, nas disciplinas teórico-práticas de Harmonia, por exemplo, que tratam de assuntos como: escalas, construção de acordes, cifragem, cadências, entre outros. Já os estudantes das Práticas Instrumentais de Sopros e Cordas Friccionadas passam por outros caminhos formativos que, necessariamente, não direcionam seus conteúdos para conhecimentos relativos à área harmônica, pelo menos, não a partir da perspectiva do instrumento em si.

O Projeto Pedagógico do Curso (UFC, 2014, p.18) explica que: “[...] a disciplina de Prática Instrumental I será o espaço pedagógico para que o aluno, uma vez feito sua opção, dê início a um trabalho de aprofundamento de sua técnica instrumental [...]”.

Após uma breve leitura do PPC, observamos que alunos de violão, por exemplo, tem contato direto com o acompanhamento de cantigas populares desde seu egresso na prática instrumental, peculiaridade que não acontece com tanta intensidade nas práticas de instrumentos melódicos, já que instrumentistas de Cordas Friccionadas e de Sopros passam respectivamente pelo aperfeiçoamento de suas técnicas de mão direita (arco, pizzicato) e técnicas de execução, embocadura e de controle de respiração.

Vale ressaltar que tanto instrumentistas melódicos quanto harmônicos, passam por uma trajetória formativa nas disciplinas de Percepção e Solfejo (I a IV) e em Contraponto (I e II) que abordam assuntos referentes aos conteúdos propostos em Harmonia como, por exemplo: Condução de Vozes (Contraponto), formação e percepção de acordes (Percepção e Solfejo), porém estudantes de instrumentos harmônicos encontram em suas práticas instrumentais um ambiente com mais estímulos para aplicação, vivência e prática dos

conteúdos vistos, posteriormente, em Harmonia. Ressalta-se que não é que não aconteça nas demais práticas melódicas do curso, porém ressaltamos que no ambiente de práticas harmônicas esses estímulos acontecem frequentemente.

Para maior esclarecimento das ideias apresentadas até agora, faz sentido explicar um pouco sobre conceitos referentes à harmonia, do mesmo modo que a forma como ela se apresenta no curso de Música - Licenciatura da UFC em Sobral. Em sua monografia, Bruno Maia de Azevedo Py estabelece uma análise comparativa entre os conteúdos dos cursos de harmonia em escolas livres de música e tratados de harmonia conhecidos (PY, 2002). Após uma breve reflexão, podemos perceber que o que ocorre com mais frequência nos estabelecimentos de ensino de música, é a utilização da teoria da harmonia conhecida como harmonia funcional. Este episódio não se difere da Licenciatura em Música em Sobral, visto que esta abordagem dialoga muito bem com o ensino voltado para a música popular em geral.

Para uma melhor compreensão sobre o conceito de harmonia funcional, Cyro Brisolla, traz uma definição bem importante para a temática, relacionando o conceito de harmonia tradicional com a funcional. Vejamos na citação abaixo:

A harmonia lecionada tradicionalmente é a descrição do acontecimento musical contido no período entre o barroco e o romantismo anterior ao expressionismo. A harmonia funcional é esse mesmo acontecimento musical estudado, interpretado e compreendido em todo o seu significado. Se alguém, usando a terminologia tradicional, refere-se a acordes sobre o I, IV ou V graus, sabe que esses números indicam apenas a posição que esses sons ocupam na ordem numérica ascendente dos sons da escala. Na harmonia funcional, porém, os acordes de Tônica – T – Subdominante – S – e Dominante – D – implicam um conceito, contêm um significado estético determinado. A Dominante é um foco de grandes tensões harmônicas, ao passo que é o afrouxamento dessas tensões, é estabilidade (repouso, ponto de partida). A subdominante expressa certa instabilidade, indica movimento. A consequência disso tudo é evidente para análise. O musicista que tem conhecimento de harmonia funcional já possui um importante auxiliar para guiá-lo na compreensão, na interpretação de uma obra musical. No momento em que ele classifica o acorde já lhe está atribuindo significado estético. (BRISOLLA, 2006, p. 9).

Já Koellreutter ao discorrer também sobre a harmonia funcional, destaca:

Função é uma grandeza susceptível de variar, cujo valor depende do valor de outra. Na harmonia, entende-se por função a propriedade de um determinado acorde, cujo valor expressivo depende da relação com os demais acordes da estrutura harmônica. Esta é determinada pelas relações de todos os acordes com um centro tonal, a tônica. A relação dos acordes com a tônica é chamada tonalidade. Esta é definida pelo conjunto de tônica, subdominante e dominante, funções cujos acordes são vizinhos de quinta, isto é, suas fundamentais encontram-se a distância de um intervalo de quinta superior (a da dominante) e de quinta inferior (a da subdominante) com relação à tônica. (KOELLREUTTER, 1980, p. 13)

Todavia, acreditamos que a harmonia trabalhada na universidade, se adéqua às realidades encontradas por seus estudantes. Isso se dá, principalmente, pelo fato de trabalhar com a música popular e por dar auxílio na formação teórica e prática necessária para a construção de grupos musicais desenvolvidos pelo profissional a ser formado (perfil do egresso):

[...] Formam o instrumental teórico e prático necessário para a formação (arregimentação e regência) de grupos musicais, permitindo também a elaboração de arranjos e composições específicas, de acordo com as possibilidades técnicas dos grupos que, por ventura, o aluno venha a formar quando do exercício de sua profissão como professor de música. (PPC, 2014, p. 20)

Desta maneira, disciplinas como Harmonia, as quais iniciam somente no 5º período letivo do curso, acabam por ter mais relação com os conteúdos trabalhados nas práticas musicais de instrumentos harmônicos do que relacionadas com as práticas instrumentais melódicas, ou mesmo de componentes que perpassam pela harmonia, mas por outra perspectiva, como é o caso do canto coral.

Trazendo para o curso de Música essas considerações, vejo que não estamos muito distantes das experiências vividas no departamento de música da USP, já relatadas pelo professor Carrasqueira, mesmo que esse comparativo aconteça apenas em alguns aspectos. Como licenciando em Música, percebo que os estudantes de sopros estudam aspectos como embocadura, sonoridade, leitura, interpretação, entre outros. Já os de cordas friccionadas dedicam-se ao aperfeiçoamento da postura, arcadas, leitura, etc.

Quero ressaltar que outras práticas como violão e teclado também trabalham alguns desses aspectos mencionados acima, como leitura, interpretação, postura. Porém, deixo claro que nas práticas de instrumentos harmônicos se dá maior ênfase a contextos harmônicos centrados na execução ao instrumento por si só. Dessa maneira, compreende-se que a relação desses estudantes de práticas instrumentais melódica ainda é muito difusa.

Considerando, portanto, que há, no contexto do curso, processos formativos distintos que se estabelecem a partir de diferentes relações entre as pessoas e seus contextos de práticas instrumentais, é imperativo afirmar que as formas pelas quais estas percebem música acabam por ser condicionadas também por essas relações.

Em se tratando, especificamente, dos conteúdos de harmonia, o mesmo pode ser dito. A experiência formativa de determinadas práticas instrumentais tendem a permitir aos estudantes maior acesso prévio aos conteúdos de harmonia, considerando a forma pela qual harmonia é ensinada no curso de Música – Licenciatura da UFC, *Campus Sobral*.

Não se pode dizer, contudo, que estudantes dos instrumentos “melódicos” não aprendam harmonia, mas é possível afirmar que há maior proximidade dos conteúdos, na forma em que são apresentados, entre as disciplinas de Harmonia e os instrumentos harmônicos.

Considerando, portanto, esses diferentes caminhos formativos que estudantes oriundos de práticas instrumentais melódicas perpassam para assimilar os conhecimentos de cunho harmônico busca-se saber: Quais são as principais relações de aprendizagem estabelecidas entre as disciplinas de harmonia com os estudantes de instrumentos melódicos do curso de Música - Licenciatura da UFC, *Campus Sobral*?

### **Justificativa**

A discussão sobre pressupostos pedagógicos do ensino e aprendizagem de harmonia no ensino superior, ou seja, como parte do processo de formação inicial de professores de música é relevante, porém ainda existem muitas lacunas a serem embasadas por novas pesquisas, principalmente tratando-se, nesse caso, de ensino-aprendizagem em harmonia com instrumentistas melódicos.

A realização desta pesquisa poderá contribuir para os debates acadêmicos acerca deste tema, fomentando assim novas abordagens para este problema.

Dessa forma, acredito que com a realização da pesquisa, teremos como resultado a explicitação dessa relação que poderá colaborar para futuras pesquisas no sentido de entender como estudantes de instrumentos melódicos absorvem os conteúdos harmônicos e como professores de Harmonia podem ministrar suas respectivas aulas de uma forma mais clara para esse grupo específico de estudantes.

Por fim, este trabalho tem o potencial de aprofundar as reflexões existentes no campo da Educação Musical, bem como contribuir para o diálogo e integralização do currículo do curso de Música – Licenciatura da UFC, *Campus Sobral*.

### **Objetivos**

#### **Objetivo geral**

Compreender as principais relações de aprendizagem construídas entre as disciplinas de harmonia e os estudantes de instrumentos melódicos do curso de Música – Licenciatura da Universidade Federal do Ceará (UFC), *Campus Sobral*.

### **3.2 Objetivos Específicos**

- Destacar quais conteúdos do campo da Harmonia são tidos como complexos pelos estudantes do curso de Música da UFC/Sobral.
- Analisar as semelhanças e diferenças formativas dos discentes das Práticas Instrumentais melódicas (Sopros e Cordas Friccionadas) e harmônicas (Violão e Teclado) do curso de Música da UFC/Sobral no que diz respeito as competências e habilidades adquiridas no campo da Harmonia.
- Compreender como os discentes do curso de Música da UFC/Sobral utilizam e aplicam os conhecimentos adquiridos nas aulas de harmonia.

## **CAPÍTULO 1: UMA ANÁLISE CURRICULAR DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE MÚSICA DA UFC/SOBRAL**

O presente capítulo visa realizar uma análise curricular do projeto pedagógico do Curso de Música da UFC/Sobral, tendo como intuito visualizar os caminhos de formação musical que são vivenciados pelos alunos no decorrer do curso.

Nessa análise, procuramos evidenciar com base na discussão e avaliação dos ementários das disciplinas de PI<sup>3</sup> e Harmonia, a relação entre as disciplinas de Harmonia e Práticas Instrumentais Harmônicas (Violão e Teclado), e o diálogo que há entre as disciplinas de Práticas Instrumentais Melódicas (Sopros e Cordas Friccionadas) e a disciplina de Harmonia. Nessa perspectiva, a análise do PPC visa à compreensão de como as diferentes formações compiladas pelos estudantes nas práticas instrumentais têm sido motivo para diferentes tipos de percepções dos conteúdos ministrados nas aulas de Harmonia.

Com a explicitação desses caminhos formativos através da análise do PPC, trago as considerações e reflexões sobre os processos de formação dos discentes revelando que, mesmo estes sendo de práticas instrumentais diferentes, recebem estímulos distintos que serão cruciais para uma formação específica a ser incorporada futuramente nas disciplinas de Harmonia.

Dessa maneira, considerando as práticas instrumentais, como caminhos de formação e preparação para futuras disciplinas. Entender as diferentes perspectivas de formação dos discentes torna-se relevante para discutir e reavaliar os diálogos decorrentes das disciplinas, pois possibilitará uma reflexão mais apurada sobre esses discursos o que trará uma comunicação mais adequada entre todas as PI e a disciplina de Harmonia.

Inicialmente, identificam-se possíveis contrastes no processo de formação inicial quando se observa as Práticas Instrumentais harmônicas (Violão e Teclado) em relação Práticas Instrumentais melódicas (Sopros e Cordas Friccionadas).

De acordo com o PPC de Música da UFC/Sobral, o profissional formado nos âmbitos da referida instituição deverá ser reconhecido como um artista educador musical, pois este passou por uma trajetória formativa que lhe atribuiu conhecimentos da pedagogia, linguagem musical e ensino de instrumentos musicais. A citação descrita abaixo reforça essa ideia:

---

<sup>3</sup> Prática Instrumental (Cordas Friccionadas, Violão, Teclado e Sopros).

O artista músico, após sua trajetória como discente do Curso de Música-Campus de Sobral, deverá ser reconhecido como um artista educador musical, que domina os conteúdos, métodos e técnicas relativos aos processos de ensino e aprendizagem da música; que tenha conhecimento acerca da linguagem musical; que possa se expressar com desenvoltura através do instrumento musical natural do Ser Humano: a voz; que busca estar em consonância com a realidade à qual estará a serviço; que alimenta sua prática no reconhecimento, no respeito e no estudo rigoroso de sua realidade; que esteja atento às necessidades e aspirações artístico-musicais de seus alunos e de seu entorno; que seja competente na execução e no ensino de um instrumento musical, podendo este ser um instrumento de cordas friccionadas, de sopro, violão ou teclado; que esteja preparado para o exercício de sua capacidade criativo-musical em todos os momentos do exercício de sua profissão, pronto para multiplicar os conhecimentos adquiridos durante a graduação, principalmente através do ensino de música na Educação Básica e na formação, regência, de grupos musicais.(UFC, 2014, p. 14)

Dessa forma, esses estudantes de graduação além de estudarem com profundidade os seus respectivos instrumentos (violão, sopros, cordas e teclado) passam por outras formações, inclusive referentes a arquitetura musical, como: percepção e solfejo, contraponto, harmonia, análise musical, além de outras disciplinas de cunho educacional.

### ***Organização Curricular***

Sendo assim, de acordo com o PPC, para a obtenção de uma melhor estruturação e aplicação das disciplinas, e seguindo as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Música, os conteúdos abordados durante o curso foram estruturados em: Básicos, Específicos e Teórico-Práticos.

O PPC destaca que nos conteúdos básicos são ofertados aos discentes as disciplinas que envolvam Cultura e as Artes, além das Ciências Humanas e Sociais, Antropologia, Psicologia e Pedagogia, dessa forma as disciplinas oferecidas são respectivamente:

[...] Estudos Sócio-Históricos e Culturais da Educação; Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem na Adolescência; Estrutura, Gestão e Política Educacional; Didática; Educação Musical Brasileira; Cultura e Antropologia Musical; Estética [...]. (UFC, 2014, p. 16)

Outra descrição que o PPC nos relata é em relação aos conteúdos específicos que discorrem sobre assuntos característicos da área da música como harmonia, contraponto entre outros:

Nos conteúdos específicos elencamos as disciplinas que particularizam e dão consistência à área de música, abrangendo os relacionamentos com o Conhecimento

Instrumental, Composicional, Estético e de Regência como: Práticas Instrumentais; Percepção e Solfejo; Harmonias; Contraponto; Análise Musical; História da Música; Oficina de Música; Canto Coral; Técnica Vocal; Regência. (UFC, 2014, p. 16)

Dessa maneira o PPC também descreve que os conteúdos Teórico-Práticos permitem aos discentes a experiência com o exercício da arte musical como explicitado na citação abaixo:

Nos conteúdos Teórico-Práticos, tais estudos permitem a integração teoria/prática relacionada com o exercício da arte musical e do desempenho profissional, incluindo também Estágio Curricular Supervisionado; Metodologia e Prática do Ensino de Música no Ensino Fundamental e Médio; Trabalho de Conclusão de Curso; Música e Tecnologia e Libras. (UFC, 2014, p. 16)

### ***Unidades Curriculares***

As Unidades Curriculares são as áreas de estudos que servem de base para a estruturação setorial que integraliza o currículo do curso de Música da UFC/Sobral:

Para uma melhor integração entre os diversos componentes curriculares utilizaremos as Unidades Curriculares, que segundo a resolução nº 7 do CEPE de 8 de abril de 1994, caracteriza-se por áreas de conhecimento de cada currículo que congregam disciplinas afins, tendo função pedagógica ao constituir-se como um fórum de discussão dos problemas de natureza didática de determinada área do conhecimento. (UFC, 2014, p. 16)

Dessa maneira o currículo do curso de Música – Licenciatura da UFC, *Campus* Sobral, é mensurado em quatro Unidades Curriculares, os quais estão organizados nas áreas de: 1. Teorias e Práticas; 2. Ações Pedagógicas; Práticas Instrumentais e Vocais; Estudos sobre Estética. Dessa forma, os discentes do curso de Música podem ser contemplados com componentes curriculares que abarcam as especificidades do ensino da música.

### ***Ementário das Disciplinas***

Nesta seção apresentaremos as ementas das disciplinas de Práticas Instrumentais, realizando uma análise comparativa entre as práticas de instrumentos melódicos *versus* harmônicos com base nos ementários. Esse processo culminará em uma compilação de informações que servirá para ilustrar os aspectos pedagógicos das disciplinas com relação aos seus discentes.

Inicialmente, com base no ementário da disciplina de Cordas Friccionadas I, II, III e IV, podemos perceber que os discentes iniciam um aprimoramento técnico perante o instrumento em nível crescente de complexibilidade:

Considerações gerais sobre instrumentos de corda. Método Suzuki de iniciação musical através de instrumentos de cordas. Técnicas de mão direita (arco e pizzicato) e estudo da primeira e da segunda posição da mão esquerda. Estudo Coletivo, ordenado e progressivo de exercícios e obras para instrumentos de cordas friccionadas. Prática Musical em Conjunto. (UFC, 2014, p. 19)

Contudo, apenas nas PI Cordas Friccionadas III e IV, estes iniciam seus estudos em improvisação visando o estudo de escalas e arpejos. Porém, fazendo uma breve análise, destacamos que não podemos descrever nesse momento que estes, perpassam por um ambiente que abordam algum conhecimento que lhes darão ferramentas para assimilar com mais desenvoltura os conteúdos previstos em Harmonia:

Desenvolvimento da prática instrumental III em nível crescente de complexibilidade. Aprimoramento da técnica de mão direita e estudo da sétima posição da mão esquerda. Técnicas de execução com base na improvisação. Estudos de obras contemporâneas. Dimensões técnicas e didáticas para a formação de grupos camerísticos. Prática musical em conjunto. (UFC, 2014, p. 28)

Já com relação a PI Violão I, II, III e IV destacamos que os discentes dessas disciplinas passam também por um aprimoramento técnico perante o instrumento, porém, já na prática I, estes iniciam o estudo sobre acordes, além do acompanhamento ao violão e na prática II, já dão início aos seus estudos de improvisação, diferentemente dos estudantes de cordas friccionadas que começam apenas no 3º semestre:

Desenvolvimento da prática instrumental I em nível crescente de complexibilidade. Estudo da técnica Violonística. Repertório Violonístico brasileiro, suas raízes, matizes e autores Estudos de acordes em primeira e segunda inversão. Prática musical em conjunto e prática de improvisação. (UFC, 2014, p. 22)

Na PI Violão III e IV, os estudos sobre improvisação são reforçados, além de aprimorarem os conteúdos de cunho harmônico como inversões de acordes. Outro fator importante é a iniciação a criação/composição de arranjos para grupos de violões em prática instrumental IV:

Desenvolvimento da prática instrumental III em nível crescente de complexibilidade. Produção de arranjos para grupos de Violões. Dimensões técnicas e didáticas para a formação de grupos de violão. Estudo de arranjos e composições

de música brasileira para violão solo. Prática musical em conjunto. (UFC, 2014, p. 28)

Já com a turma de Sopros, observamos que os processos formativos perante os ementários descritos se assemelham bastante com os de cordas friccionadas, pois os discentes também dão iniciação a um trabalho de aprimoramento técnico perante o instrumento, como os estudantes de Cordas Friccionadas. Vale destacar que ambos usam o estudo coletivo ordenado e progressivo de exercícios e obras, porém destacamos, mais uma vez, que com base nos ementários, não conseguimos visualizar o incentivo a assuntos que abordassem os conhecimentos fomentados posteriormente em Harmonia:

Desenvolvimento da prática instrumental I em nível crescente de complexibilidade. Técnicas de execução dos instrumentos de sopros. Estudo de ornamentações e articulações. Dimensões técnicas e didáticas para a formação de grupos camerísticos. Prática musical em conjunto. (UFC, 2014, p. 22)

Inclusive destacamos que, assim como discentes de cordas friccionadas, os instrumentistas de sopros passam a estudar improvisação a partir do 3º semestre, como podemos visualizar no ementário abaixo da prática instrumental III:

Desenvolvimento da prática instrumental II em nível crescente de complexibilidade. Técnicas de execução com base na improvisação. Estudo na agilidade na execução de escalas e arpejos. Dimensões técnicas e didáticas para a formação de grupos camerísticos. Prática musical em conjunto. (UFC, 2014, p. 28)

Já com a prática instrumental de teclado podemos entender que esses passam por um processo de escuta harmônica desenvolvido na prática instrumental I, através da prática de percepção e imitação de intervalos harmônicos e melódicos, além de iniciarem com o estudo da improvisação, assim como cifras e princípios de formações de acordes em sua prática instrumental II, como podemos observar na citação abaixo:

Prática de leitura de partituras a 2 claves, estilo livre, nível intermediário. Prática de percepção e imitação de melodias de curta duração ao instrumento. Estudo prático de execução das escalas maior e menor harmônica, em todas as tonalidades. Exercícios de improvisação de melodias diatônicas. Princípios de formação e execução de acordes ao instrumento. Cifras e sua realização. Estudo coletivo, ordenado e progressivo de exercícios e obras para instrumentos de teclado. Seleção e estudo de repertório solo para apresentação em público. (UFC, 2014, p. 23)

Inclusive destacamos que assim como discentes de violão, instrumentistas de teclado passam a estudar improvisação muito cedo e tem em suas práticas o estímulo a

assuntos que abordam a harmonia tonal em si, como podemos visualizar no ementário abaixo da Prática Instrumental Teclado IV:

Prática de leitura de partituras a 2 claves, estilo livre, nível avançado. Prática de percepção e imitação de melodias e sequências de acordes ao instrumento. Harmonia tonal: dominantes secundárias, modulações e particularidades de resoluções de tensões ao instrumento. Modalismos: formação de escalas, improvisação modal e tonal sobre repertório popular e folclórico. Acompanhamento ao instrumento: princípios de arranjo, textura, tratamento rítmico e seleção de timbres. Seleção e estudo de repertório solo para apresentação em público. (UFC, 2014, p. 29)

Seguindo as reflexões de Pereira (2013) sobre os documentos curriculares em música, e tomando como base os fatos citados acima, podemos considerar que, cria-se, dessa forma, uma estrutura curricular que, por si só, privilegia as relações de aprendizagem entre os instrumentistas harmônicos com a disciplina de Harmonia e afasta outras possibilidades de diálogo com as práticas melódicas por esta estar isolada em um único setor de estudo.

Sendo a matriz curricular, um espaço onde as disciplinas conseguem dialogar em conjunto e tendo em vista que, para uma formação sólida e estruturada, esse diálogo deve ser estabelecido quase sempre, questiona-se: não seria necessário que as práticas instrumentais melódicas estivessem em diálogo com as unidades curriculares teórico-práticas como acontece com Harmonia e as Práticas Instrumentais Harmônicas?

O capítulo seguinte do trabalho visa trazer à tona tal problemática na tentativa de compreender como essa proposta de PCC se enuncia na prática, tendo como base as visões e opiniões dos estudantes do curso que participaram da pesquisa.

## **CAPÍTULO 2: METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA**

### **2.1 Aspectos metodológicos da pesquisa**

O presente capítulo visa apresentar e discutir o conjunto dos dados coletados a partir do depoimento de 7 estudantes da turma de Harmonia III do semestre 2016.2 e 6 estudantes da turma de Harmonia II de 2017.2, no intuito de melhor compreender o objeto da investigação.

O método de pesquisa utilizado foi de caráter qualitativo, tendo em vista que, nesse tipo de pesquisa é frequente o levantamento de experiências de determinados grupos com o intuito de compreender as vivências dos indivíduos participantes permitindo, dessa forma, a abertura para um diálogo entre as experiências descritas com o ponto de vista do pesquisador.

Sobre a pesquisa qualitativa, Neves descreve:

Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é freqüente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí situe sua interpretação dos fenômenos estudados. (NEVES, 1996, p. 1)

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, Godoy esclarece:

De maneira diversa, a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. (GODOY, 1995, p. 58)

Dessa maneira, o uso da pesquisa qualitativa tornou-se ponte para compilar as vivências dos estudantes de Harmonia, permitindo também desenvolver argumentos que, somados à pesquisa, contribuíssem para esclarecer as relações de aprendizagem entre os discentes e a referida disciplina.

Esses dados foram obtidos através da aplicação de um questionário com os estudantes da disciplina de Harmonia. Através desses questionários, buscamos identificar o ponto de vista dos estudantes em relação à disciplina, ou seja, queríamos compreender como estes absorvem os conteúdos ministrados; os conteúdos que tiveram maior facilidade e os que

tiveram maior dificuldade de assimilação; o olhar dos estudantes sobre a disciplina de Harmonia com relação às demais Práticas Instrumentais.

Inicialmente, foi elaborado um questionário com o intuito de ajudar no processo de coleta de dados da pesquisa. Em seguida, foi aplicado um questionário-piloto com alguns estudantes do curso de Música para verificar se o questionário estava de acordo e coerente com os objetivos propostos pela pesquisa. Assim, foi possível identificar algumas dificuldades por parte dos entrevistados em responder a terceira questão do questionário<sup>4</sup>. A forma como foi enunciada a pergunta, deixou dúvidas para os discentes, sendo necessária a reelaboração do enunciado da pergunta. A revisão da terceira pergunta culminou em um novo questionário<sup>5</sup> (definitivo), mais claro e objetivo, com todas as questões corrigidas e revisadas pelo autor e seu orientador.

Durante a aplicação do questionário, surgiram pequenos problemas na aplicação. Em primeiro, ressaltamos que o questionário continha quinze perguntas dissertativas, ou seja, o participante deveria discorrer seu ponto de vista sobre cada pergunta, o que tornou o questionário longo e cansativo, crítica que recebemos dos respondentes. O segundo aspecto constatado foi à dificuldade de aplicar os questionários com os estudantes, pois quase todos os discentes tinham horários bem comprometidos, tendo como consequência um pequeno atraso na compilação das informações.

Para a aplicação dos questionários foi verificado, inicialmente, a lista dos discentes que cursaram a disciplina de Harmonia III de 2016.2 e estão cursando a disciplina de Harmonia II de 2017.2, no intuito de averiguar quais os estudantes do Curso de Música que poderiam participar da pesquisa. A aplicação do questionário durou quatro dias, pois, quase sempre algum estudante avisava que não poderia comparecer para responder. O pesquisador emitia um aviso com um dia de antecedência, informando aos participantes que estavam sendo convidados a participar da pesquisa de campo. Na aplicação do questionário, o autor ficava próximo aos participantes com o intuito de esclarecer possíveis dúvidas em relação às questões. Ao final, conseguimos efetuar a pesquisa com 13 estudantes do Curso de Música.

Com o questionário aplicado, como já visto e discutido acima, queríamos obter o maior número de informações que descrevessem as experiências formativas dos estudantes de harmonia na própria disciplina e também as relações e avaliações destes com as práticas instrumentais, a fim de ilustrar os caminhos formativos dos estudantes de práticas harmônicas

---

<sup>4</sup> Em essência, essa pergunta tinha o intuito de saber se os estudantes tinham um conhecimento prévio que abordasse questões referentes à teoria musical.

<sup>5</sup> Ver o Apêndice A, página 64.

e práticas melódicas para, dessa forma, obtermos argumentos para acrescentar na discussão da relação de instrumentistas melódicos com a disciplina de Harmonia.

No trecho que segue abaixo, procuramos apresentar ao leitor a análise e reflexões dos dados compilados com base nas informações coletadas pelos respondentes.

## **2.2 Análise de dados da pesquisa**

Os elementos aqui apresentados têm como referência os dados coletados após a aplicação do questionário da pesquisa. Para tanto, fez-se a compilação das informações de cada resposta dos participantes, seguido da análise dos depoimentos. É importante destacar que no decorrer do processo de elaboração das reflexões e da análise dos dados coletados, foram desconsideradas duas perguntas do questionário, uma vez que constatou-se que tais perguntas pouco contribuiriam para o desenvolvimento da pesquisa. De toda forma, ressalta-se que as mesmas ainda foram incorporadas no Apêndice B, no intuito de auxiliar em pesquisas futuras ou, então, de servir de material de consulta para pesquisas afins.

*2.2.1. Quando ingressou no curso de Licenciatura em Música da UFC/Sobral, você já tinha algum conhecimento prévio na área de Música? Comente sobre tais experiências formativas.*

Iniciamos o questionário com uma pergunta onde o discente deveria discorrer sobre suas primeiras formações em música<sup>6</sup>, ou seja, se já tinha um conhecimento prévio<sup>7</sup> em música antes de ingressar na universidade, quais as experiências com bandas, práticas em conjunto, aulas teóricas, cursos via internet, todos e quaisquer experiências que já traziam consigo. Tal informação foi relevante para a pesquisa, pois apresenta dados quantitativos em torno das experiências dos discentes, assim como informações de vivências musicais iniciadas apenas ao ingressar no curso. Uma vez que enxergado os caminhos musicais desses discentes, torna-se mais claro analisar as experiências destes perante os conteúdos vistos no decorrer do curso.

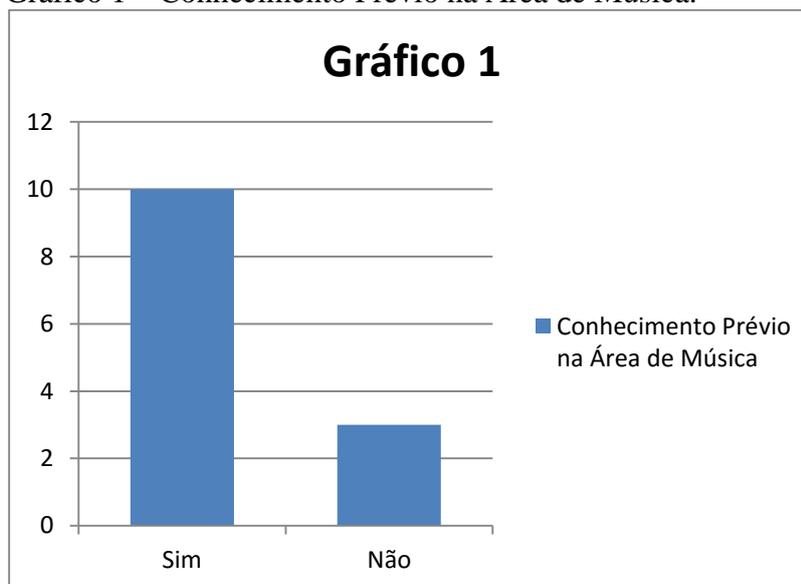
Com base nos dados coletados é possível quantificar com relação à experiência prévia em Música dos participantes anterior ao seu ingresso no curso:

---

<sup>6</sup> Quando ingressou no curso de Licenciatura em Música da UFC/Sobral, você já tinha algum conhecimento prévio na área de música? Comente sobre tais experiências formativas.

<sup>7</sup> Conhecimento prévio, nesse contexto, será adotado como qualquer tipo de experiência relacionado à música com caráter de iniciação, que contemple aulas de instrumentos musicais como canto, violão, flauta, teclado, entre outros, além de experiências com aulas de musicalização, cursos online, aulas de teoria, tudo e qualquer contexto que se relacione com experiências práticas-teóricas.

Gráfico 1 – Conhecimento Prévio na Área de Música.



Fonte: Dados da Pesquisa.

De acordo com o gráfico apresentado, podemos observar que dos treze estudantes que responderam ao questionário<sup>8</sup>, apenas três **não** tinham um conhecimento prévio ao ingressar no Curso de Música. Os demais entrevistados já tinham vivências musicais oriundas das mais diversas esferas formativas.

Primeiramente, com base nos dados coletados, pudemos reforçar a informação da importância das bandas de música como um dos principais centros formativos de jovens instrumentistas. Verificou-se que grande parte dos participantes teve suas primeiras formações através deste veículo de acesso à educação musical.

Nascimento (2007) ao discorrer sobre a importância das bandas de música na formação dos músicos, afirma:

[...] grande número de músicos profissionais recebe alguma influência por meio da banda de música em sua formação musical [...] Há de se lembrar que, até pouco tempo atrás, a banda de música era um dos mais populares veículos de acesso à cultura musical para a sociedade, encerrando nas apresentações não somente a oportunidade do entretenimento musical, mais importante estímulo ao talento musical do indivíduo, levando-o a participar da instituição para aprender a tocar um instrumento musical. (NASCIMENTO, 2007, p. 2)

Ainda sobre esse processo formativo através das bandas de música podemos observar que, frequentemente, acontece desses músicos passarem por um processo formativo que prioriza muito mais o aprendizado de teoria musical, visando o aperfeiçoamento da leitura

<sup>8</sup> Para uma melhor compreensão das respostas apresentadas pelos participantes, foram feitas pequenas correções ortográficas sem mudar o teor das respostas.

no instrumento, além de um preparo teórico anterior à prática musical, ou seja, normalmente acontece de a teoria vir primeiro que a prática. Esse processo de aprendizado assemelha-se com o de ensino tradicional de música.

A citação abaixo esclarece o processo de ensino tradicional de instrumentos de sopros em bandas de música:

A metodologia tradicional de ensino de instrumentos de sopro é geralmente dividida em quatro fases consecutivas: aula coletiva de teoria e divisão musical; aula individual de divisão musical; aula individual de instrumento e prática em conjunto. As duas primeiras fases duram cerca de um ano e somente depois os alunos têm contato com o instrumento musical. (BARBOSA, 1996 *apud* KANDLER, 2010, p. 294).

Podemos descrever também a síntese do ensino coletivo para melhor entendermos os contextos de metodologias:

A metodologia de ensino coletivo é dividida em três fases e o contato com o instrumento ocorre desde o início do aprendizado. Na primeira fase são trabalhados exercícios básicos de produção de som, notas do registro médio do instrumento e repertório fácil com divisões musicais simples. Na segunda fase são aprendidas notas de outros registros, é trabalhado um repertório mais difícil, ritmos e elementos teóricos mais complexos. Por fim, na terceira fase, o trabalho concentra-se na complementação das fases anteriores e no trabalho com um repertório de formas, estilos e gêneros mais variados (BARBOSA, 1996 *apud* KANDLER, 2010, p. 294).

Com os depoimentos descritos abaixo, pudemos considerar que a maioria dos discentes envolvidos no contexto de bandas passou por um processo de ensino tradicional. Essas reflexões são baseadas também nas experiências descritas abaixo pelos participantes:

**Participante 1:** Iniciei na música através da Banda de Música da minha cidade, lá aprendi partitura e a tocar trompete. Além da Banda, também participei de alguns festivais de música, os quais possuíam oficinas formativas de conteúdo musical.

**Participante 3:** Sim. Anterior ao ingresso no curso eu participava da Banda de música da minha cidade natal, Canindé. A iniciação musical foi por meio da teoria musical tradicional, apenas teoria, após 10 meses dei início à prática instrumental, já pra tocar na banda. Paralelo a esta experiência, dei início a prática em instrumento de cordas friccionadas (violino), passando apenas um ano.

**Participante 9:** Sim. Desde os doze anos que faço parte da banda de música Lázaro Freire. De início estudamos um pouco de teoria para dois meses depois pegar em um instrumento musical.

Outro importante veículo de acesso à música que pudemos ressaltar no decorrer dessa pesquisa foram os festivais de música. Normalmente esses festivais trazem consigo fortes políticas voltadas para a formação do músico, além de incentivos para a prática artística, formação de espetáculos, conteúdos específicos para formação musical como aulas

de harmonia, improvisação, instrumento, entre outros. Alguns participantes descrevem sobre tais experiências nos depoimentos abaixo.

**Participante 2:** Muito pouco, entendia sobre identificação de tonalidades, leituras de partitura e cifra. O pouco que aprendi, e realmente muito pouco, foi participando de festivais e estudando sozinho.

**Participante 10:** Sim. Ingressei no curso com uma vivência de bandas de música e de festivais de música.

Outro participante destacou sobre a experiência de aprendizagem musical através de aulas pela Internet. Interessante ressaltar que, atualmente, temos com a Internet, um poderoso meio de transmissão de conhecimento musical possibilitando novas formas de aprender e vivenciar música, pois a tecnologia acelera as informações, trazendo “instantaneidade” na formação musical como afirma Lorenzi (2007).

Já Kronbauer, ao discorrer sobre a utilização de Tecnologias da informação e comunicação (TICS) no ensino de violão ressalta:

Atualmente, *softwares* pedagógico-musicais são encontrados gratuitamente na *web*. Além disso, muitos blogs disponibilizam uma grande quantidade de informações úteis á prática pedagógica musical. No caso de aprendizado de instrumentos, encontramos diversos sites que disponibilizam gratuitamente recursos úteis e interessantes para o desenvolvimento técnico musical. Se comparado a décadas anteriores (década de 80 e 90), percebe-se diferenças significativas em relação ao acesso aos conteúdos musicais. A forma disponível para estudar música ou para ter iniciação ao instrumento era pagando aulas com um professor e comprando revistas de músicas cifradas, que muitas vezes possuíam um valor considerável. Hoje em dia, basta ter acesso à internet (em casa, *lan house*, escola, etc.) e um mundo de informações torna-se disponível. (KRONBAUER, 2011, p.6)

Dessa maneira, a utilização da internet como meio de acesso a informações musicais torna-se cada vez mais aceita por estudantes de música. Nesse caso, como veremos no depoimento abaixo, serviu como base para a formação inicial.

**Participante 12:** Aprendi a tocar violão, inicialmente em um projeto na escola e depois pela internet. No geral já sabia alguns acordes, ritmos, escalas técnica e um pouco de partitura.

Com base na análise dos dados coletados nessa primeira indagação, pudemos concluir que a maior parte dos estudantes tinha uma vivência musical bastante rica e que as bandas de música, assim como os cursos online e os festivais de músicas, são plataformas de democratização do acesso ao conhecimento musical.

### 2.2.2. *Qual seu instrumento musical principal? Há quanto tempo você estuda seu instrumento principal?*

Outro elemento analisado com base na coleta de dados foi à relação de aproximação dos participantes com a prática instrumental. Para tanto, elaboramos alguns gráficos, no intuito de melhor compreensão em torno do objeto de investigação, considerando: a) a quantidade de instrumentistas harmônicos e melódicos participantes da pesquisa; a especificação das práticas instrumentais de cada participante e; b) a média de tempo de estudo do instrumento por cada respondente.

Na aplicação da pesquisa surgiu uma peculiaridade em relação à prática instrumental principal de determinados discentes. Alguns participantes responderam que tocavam instrumento específico, porém, dentro do Curso de Música, optaram por fazerem outra prática instrumental<sup>9</sup>.

Um exemplo disso é o relato do participante 5 que, ao ser perguntado sobre qual era o seu instrumento principal<sup>10</sup> e o tempo dedicado ao estudo do instrumento, respondeu que seu instrumento principal é o violão, mas dentro do Curso de Música, ele optou por fazer a prática de cordas friccionadas<sup>11</sup>.

**Participante 5:** Violão, há 22 anos.

É interessante destacar a respeito da análise dos dados compilados, que tivemos dois participantes que optaram pela prática instrumental de violão, apesar de chegarem no curso com uma experiência já terem uma vivência com instrumentos melódicos<sup>12</sup>.

**Participante 10:** Trombone há 7 anos.

**Participante 11:** Clarinete. Mais ou menos uns 8 anos, mas com alguns períodos parados sem ter contato com o instrumento

Estes respondentes afirmam tocar respectivamente, trombone e clarinete, porém, suas respostas perante o questionário são baseadas em sua prática de violão. Dessa maneira,

---

<sup>9</sup> No caso em questão os participantes tocavam clarinete e trombone, mas optaram pela Prática Instrumental Violão.

<sup>10</sup> Instrumento principal, nesse contexto será adotado como aquele instrumento que você tenha maior fluência, facilidade para tocar determinados repertórios.

<sup>11</sup> Dentro do curso de Música, independentemente do seu conhecimento prévio em determinado instrumento, você pode optar por fazer uma prática instrumental diferente da que você já tem familiaridade. Um clarinetista, por exemplo, pode ingressar no curso e optar por fazer a disciplina de Teclado.

<sup>12</sup> Determinadas informações complementares descritas na pesquisa, foram obtidas também através conversas informais com os participantes da pesquisa.

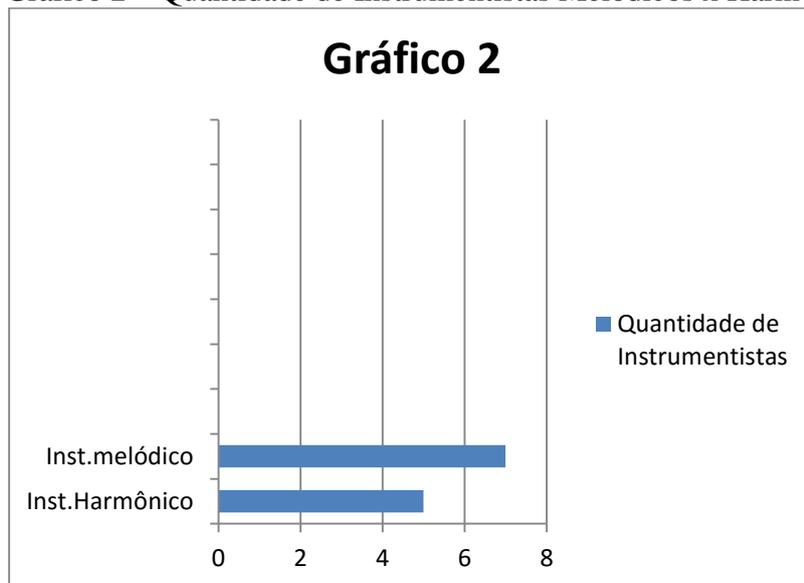
temos dois caminhos investigativos para olhar a formação destes discentes, tanto a visão como aluno de violão como também como instrumentista melódico.

Já outro respondente, ao rebater sobre seu instrumento principal, afirma que não tem um instrumento principal. Este discente, por ser multi-instrumentista, acredita que o tocar e o fazer musical não se limitam apenas a um instrumento, como pode ser observado no depoimento do participante discriminado abaixo:

**Participante 7:** Não tenho instrumento musical principal, estudo há sete anos os instrumentos.

Dessa maneira criamos um gráfico que nos mostra o quantitativo de instrumentistas melódicos e harmônicos que participaram dessa pesquisa:

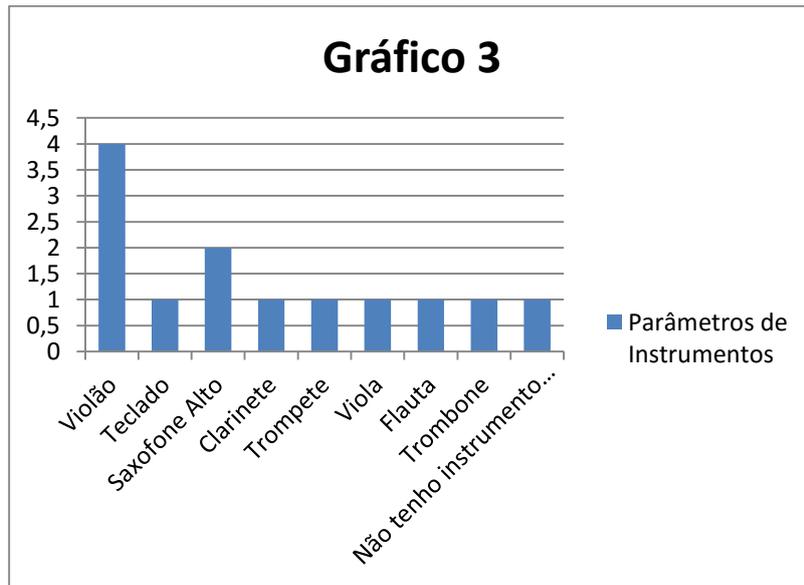
Gráfico 2 – Quantidade de Instrumentistas Melódicos x Harmônicos.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Com base nos dados coletados da pesquisa é possível também mensurar os tipos de instrumentistas melódicos e harmônicos:

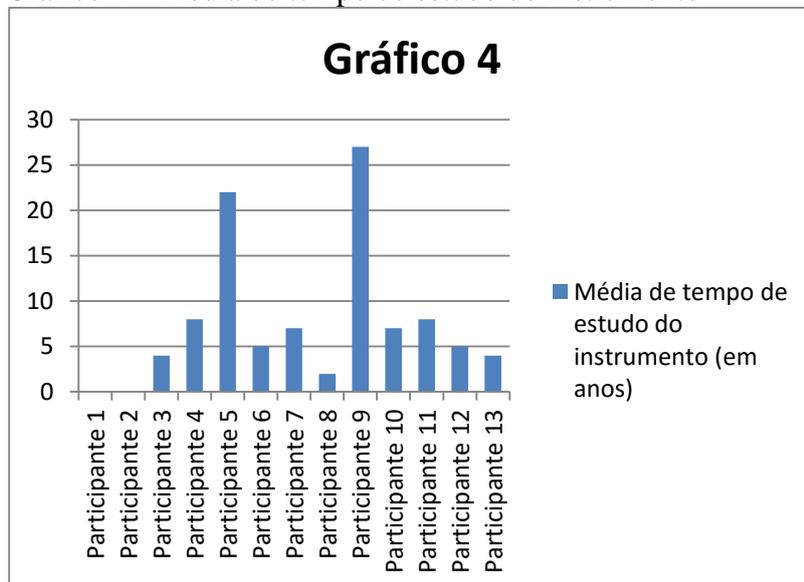
Gráfico 3 – Parâmetro de instrumentos.



Fonte: Dados da Pesquisa.

A média de tempo de estudo do instrumento por cada respondente foi outro dado obtido através dessa investigação que foi organizado em gráfico para corroborar com a pesquisa:

Gráfico 4 – Média de tempo de estudo do instrumento



Fonte: Dados da Pesquisa.

2.2.3. *Descreva brevemente suas relações de aprendizagem com o campo da teoria musical.*

No campo do ensino de música sempre temos o velho dilema sobre os ritos de iniciação a um instrumento musical específico. Com base em nossas vivências no campo do ensino de música, podemos relatar que há professores que acreditam que o ensino de teoria musical deveria acontecer em um primeiro momento para que o aluno obtenha ferramentas que possam ser utilizadas na iniciação ao instrumento, já outros trabalham com a prática antecipando os estudos de teoria. Não queremos entrar em uma discussão sobre pressupostos pedagógicos de iniciação musical, porém, acreditamos que um conhecimento sobre a linguagem musical, traz subsídios para a compreensão de outras áreas da música, como por exemplo, harmonia. Por isso, achamos necessário investigar sobre a formação desses estudantes com relação ao campo da teoria musical. Como se deu a formação nessa área teórica da música, a forma de aprendizagem e a utilização dos conhecimentos fomentados foram alguns eixos que conseguimos compilar com os depoimentos dos discentes.

Inicialmente, identificamos que o ensino de teoria musical para alguns participantes oriundos de bandas de música, limitava-se apenas para o aprendizado da leitura musical, para que dessa forma pudessem ler e executar o repertório proposto por esse contexto; vale ressaltar que quase todos os participantes que tocam um instrumento melódico adquiriram o conhecimento de teoria musical através das bandas, como podem ser observados nos relatos abaixo:

**Participante 1:** Meus estudos de teoria musical foram voltados mais para a leitura de partitura. O objetivo era ter o domínio da leitura para aplicá-la ao instrumento. Tive pouco contato com outras áreas de estudo de teoria musical antes de entrar na faculdade.

**Participante 2:** Iniciei meus estudos na banda de música de minha cidade natal, lá tive algumas aulas de teoria. Participei de festivais e eventos onde tiveram aulas de teoria.

Já outros discentes, inclusive os que já tinham algum conhecimento prévio na área de música, tiveram seu primeiro contato formal com os elementos da teoria musical no âmbito acadêmico da Universidade. Dos relatos coletados, conseguimos observar que as disciplinas de Harmonia, Percepção e Solfejo e Prática Instrumental foram as mais citadas como fonte do conhecimento dessa área da música.

**Participante 3:** A relação que melhor posso descrever é da aprendizagem na disciplina de Percepção e Solfejo. Assuntos como escalas maiores e menores, relações intervalares, leitura musical relativa, escuta melódica e rítmica.

**Participante 5:** Apenas estudei sobre teoria musical após meu ingresso no curso de música.

**Participante 6:** Minha aprendizagem se deu a partir das disciplinas do curso: Prática instrumental, PS<sup>13</sup> e Harmonia.

**Participante 8:** A aprendizagem quanto a teoria musical se concentrou nas disciplinas de Percepção e Solfejo e Prática instrumental (no âmbito acadêmico). Em outras situações, entretanto, ouvia falar sobre alguns elementos teóricos e procurava pesquisar a respeito.

**Participante 13:** Meu primeiro contato com teoria musical foi no curso de música, leitura de partituras, acordes, harmonia, entre outros. Tenho facilidade de entender, o que pesa mesmo é a prática. Não leio partitura fluentemente, entendo campo harmônico e inversões.

Já outro discente ressalta que a teoria serviu de importância para o aprofundamento do conhecimento em música e ressalta, mais uma vez, sobre o conhecimento adquirido foi via internet:

**Participante 12:** Sempre busquei aprender a teoria para melhorar minhas habilidades. Busquei aprender principalmente pela internet.

Como podemos analisar no decorrer dessa seção, o ensino de teoria musical, muitas vezes, é utilizado apenas para a leitura musical ao instrumento, podendo inviabilizar o aprendizado de outras áreas da linguagem musical, pois, dessa forma ficamos bitolados apenas a ler partitura e esquecemo-nos de estudar outros conteúdos da linguagem musical.

Entendemos com os depoimentos, que uma quantidade significativa de estudantes, apesar de terem já vivências de bandas de música, cursos de instrumentos ou de serem músicos profissionais, encontram no Curso de Música – especificamente nas disciplinas de Harmonia, Percepção e Solfejo e Prática Instrumental – o conhecimento de teoria musical, e diferente dos músicos de bandas que discorreram sobre suas relações de aprendizagem com o campo da teoria musical, os discentes iniciam em conteúdos que visam muito mais do que apenas a leitura no instrumento. É o caso da disciplina de Percepção e Solfejo que trabalha com aspectos relacionados com escuta melódica e rítmica também.

*2.2.4. Durante as disciplinas de Prática Instrumental, seu professor abordou algum método de instrumento? Poderia descrever brevemente?*

Quando despertamos a curiosidade para aprender um instrumento musical, normalmente percebermos que há várias formas de se aprender, através de uma escola especializada, de um curso em uma igreja ou através de um amigo que já toca, ou seja, há várias possibilidades para a imersão no aprendizado de um instrumento, porém há um

---

<sup>13</sup> A sigla é referente a disciplina de Percepção e Solfejo.

caminho muito comum dentro do ensino de instrumento que viabiliza direcionamentos específicos para o aprendizado de cada instrumento, o qual conceitualmente denominamos de métodos de instrumento. Os métodos para instrumentos abordam diferentes aspectos da técnica instrumental que, normalmente, se estudados com afinco, nos traz ótimos resultados em nossa prática. Porém, vale ressaltar que alguns métodos se constituem de apenas um aspecto específico, deixando lacunas na formação do estudante de música, como afirma CARRASQUEIRA (2001) na citação abaixo:

[...] Quase todos abordam os diferentes aspectos da técnica instrumental, como, no caso dos instrumentos de sopro, embocadura, respiração, emissão de som, articulação, golpes de língua, flexibilidade dos lábios, variações de dinâmica, sonoridade, agilidade de leitura e de dedos, resistências, diferentes aspectos mecânicos e atributos físicos, todos fundamentais na formação de um bom instrumentista. Porém, apesar de grandes virtudes, mesmo os melhores desses métodos apresentam a meu ver lacunas importantes (CARRASQUEIRA, 2001, p.16).

CARRASQUEIRA (2001) relata que normalmente os métodos de instrumentos melódicos deixam lacunas como falta de estímulo a criatividade e a falta de estudo dos acordes. Assim sendo, de acordo com os depoimentos dos participantes queríamos tomar conhecimento do material utilizado pelos professores para o estudo do instrumento e dessa forma compilar as experiências com tais métodos relacionando com as críticas explicitadas acima sobre métodos. Por fim, através da análise dos depoimentos, queríamos também comparar as vivências com os métodos baseados em instrumentos harmônicos *versus* melódicos.

Com base na compilação dos depoimentos foi possível criar uma tabela com os principais métodos utilizados nas práticas instrumentais:

Tabela 1 – Principais métodos utilizados nas Práticas Instrumentais.

<b>Práticas Instrumentais.</b>	<b>Métodos utilizados</b>
Sopros	Da Capo, Klosé, Amadeu Russo
Cordas Friccionadas	Suzuki
Violão	Harmonia – Ian Guest, Cadernos de Harmonia para violão (Marco Pereira), Método de Peças e estudos de Violão – Isaias Sávio, Método de escalas do Nelson Faria, Arpejos de Abel Carlevaro
Teclado	Meu Piano é divertido (Bella Bártok), Os estudos de Czerné

Fonte: Dados da Pesquisa.

Inicialmente, verificou-se que na Prática Instrumental de Cordas Friccionadas, o método Suzuki foi abordado algumas vezes, pois, de acordo com as experiências relatadas pelos participantes, a metodologia de ensino era de aplicação de repertório:

**Participante 3:** Muito pouco. Bom, a metodologia era muito de aplicação de repertório, muito pouco tivemos contato pra estudar algum método. Falo das Práticas Instrumentais (obrigatória).

Relatam também que na utilização do método Suzuki, estudavam apenas o Volume I para estímulo da prática em conjunto, que era vista como fundamental para o aprendizado da turma, o qual era embasado na repetição de músicas oriundas do método.

**Participante 7:** Durante os dois anos de Prática Instrumental, somente vimos o Volume I do Suzuki. A ideia, pelo que entendi, era aprender em conjunto através da repetição de músicas que tinham no método.

De acordo com os relatos dos discentes podemos perceber que o Método Suzuki foi uma ferramenta pouco abordada na prática de cordas friccionadas, já que o intuito era o estudo estruturado em cima de um repertório.

Não muito distante da prática de cordas friccionadas, os estudantes da Prática Instrumental Sopros descreveram a utilização do método Da Capo. Este método, pelo que pudemos observar com base nas vivências descritas pelos participantes, utilizava melodias populares por grau de dificuldade, além de ser um método que era baseado no ensino coletivo. O depoimento que segue comprova tal afirmativa:

**Participante 8:** Sim. O método “Da Capo”, no primeiro semestre, com o intuito de realizar o ensino coletivo de instrumentos. O método contém melodia populares/folclóricas que são apresentadas em nível progressivo de dificuldade, bem como os elementos teóricos que aparecem nas músicas. A partir do terceiro semestre, os métodos “Klosé” e “ Amadeu Russo” foram estudados, com foco em escalas e mecanismos do instrumento.

Outra prática instrumental que aborda métodos de instrumentos embasados em repertório é a de Teclado, como podemos observar no relato abaixo:

**Participante 6:** Abordou o método Meu piano é divertido, Bella Bártok, os estudos de Czerne.

Finalizando essa exploração sobre os métodos empregados nas práticas instrumentais, averiguamos que a disciplina de violão, com base nas respostas dos discentes,

foi a prática que mais adotou métodos de instrumento. Os cadernos de harmonia para violão e o método de Harmonia de Ian Guest foram bastante citados nos depoimentos. Outros métodos que foram bastante mencionados foram o de Arpejos de Abel Carlevaro, o de Escalas de Nelson Faria e o de Estudo e Peças de Isaias Sávio:

**Participante 4:** Harmonia – Ian Guest e Marco Pereira.

**Participante 10:** Sim. Meu professor de violão trabalhou os seguintes métodos: Isaias Sávio, Abel Carlevaro e Nelson Faria.

**Participante 13:** Sim. Método de peças e estudos de violão – Isaias Sávio, Método de estudo de escalas do Nelson Faria, Arpejos de Abel Carlevaro.

Realizando uma síntese do que foi apresentado pudemos considerar que a prática de violão é uma das disciplinas que utilizam bastante métodos que abrangem uma gama considerável de assuntos específicos como: harmonia, peças, técnica, estudos, escalas, entre outros.

Também podemos afirmar que os métodos empregados nas demais práticas instrumentais possuem forte ênfase na prática musical em conjunto, característica positiva que ficou bastante evidente nas vivências descritas pelos participantes. Entretanto, não foi possível coletar maiores informações sobre as práticas de cordas friccionadas, teclado e sopros em relação a métodos que abordassem algum incentivo ao estudo de acordes, pois, como visto acima, os depoimentos descrevem que esses métodos davam ênfase à prática de repertório em conjunto.

Dessa maneira, surgiu a importância de investigar sobre a abordagem dos docentes das respectivas práticas em relação a algum conteúdo que se aproximasse dos assuntos visto nas Disciplinas de Harmonia, para que dessa forma, pudéssemos realmente comparar os caminhos formativos de cada prática instrumental.

Para tanto, perguntamos se havia algum tipo de abordagem de assuntos relacionados com o campo da harmonia nas disciplinas de Práticas Instrumentais.

*2.2.5. Nas disciplinas de Prática Instrumental havia algum tipo de abordagem de assuntos relacionados com o campo da harmonia?*

Primeiramente, trazemos a reflexão e discussão sobre a abordagem de assuntos harmônicos no âmbito de ensino de instrumentos melódicos: é uma prática necessária? O estudo de harmonia deve acontecer apenas nas disciplinas de Harmonia? Essas provocações serviram de estímulo para formular a pergunta descrita e para tomar conhecimento se as

respectivas práticas abordavam algum conhecimento que se aproximava dos vistos nas disciplinas de Harmonia ou, então, se essa prática acontecia apenas em práticas de instrumentos harmônicos, como teclado e violão.

Inicialmente, fizemos a análise das vivências dos instrumentistas melódicos que responderam a pesquisa, e das informações compiladas pudemos perceber que a abordagem de assuntos relacionados com o campo da harmonia nas Práticas Instrumentais de Sopros e Cordas Friccionadas era mínima. Os depoimentos descritos abaixo reforçam nossa constatação:

**Participante 1:** Muito pouco, apenas em momentos específicos, em determinados semestres estudamos um pouco sobre improvisação.

**Participante 2:** muito pouco, no quarto semestre trabalhamos um pouco de improvisação e escalas.

**Participante 3:** Não

**Participante 5:** Não

**Participante 7:** Não

**Participante 8:** Sim, mas muito vagamente. Particularmente, não conseguia compreender tais assuntos, pois não eram explicados com detalhes e gradualmente.

**Participante 9:** No terceiro semestre de prática instrumental iniciei na improvisação, que implicava em alguns conhecimentos harmônicos abordados pelo professor.

Pelo que podemos averiguar há uma abordagem que se aproxima de alguns assuntos do campo da harmonia, pois, de acordo com os discentes, no 3º e no 4º semestre. Ao passar pela vivência de estudos sobre improvisação, isso implicava em estímulo ao contato com conhecimentos de harmonia, porém relatam também que tais assuntos não eram explicados gradualmente e com detalhes.

Com relação aos depoimentos dos discentes das Práticas Instrumentais de Violão e Teclado, as falas já apontam para um forte estímulo quanto à formação de conhecimentos harmônicos, elencando elementos como acordes, modos, campo harmônico, entre outros, os quais são conteúdos próximos dos assuntos trabalhados nas disciplinas de Harmonia:

**Participante 4:** Sim, Campo Harmônico, acordes, cadências, escalas.

**Participante 6:** Sim, escalas, modos, acordes e entre outros.

**Participante 10:** Sim

**Participante 11:** Sim

**Participante 12:** Sim, desde o começo.

**Participante 13:** Sim

Percebam que de todos os participantes oriundos das práticas instrumentais harmônicas afirmam ter abordagem de assuntos relacionados com conteúdos do campo da Harmonia desde o início em sua prática instrumental. Talvez essa aproximação seja o fator

que distingue esses estudantes em relação aos instrumentistas melódicos no que diz respeito a assimilações de conteúdos nas disciplinas de Harmonia.

Para aprofundar essas constatações, fizemos uma investigação dos conteúdos que mais se aproximam dos conteúdos vistos nas disciplinas de Harmonia. Primeiramente, já constatamos que os instrumentistas melódicos têm uma vivência com o estudo de improvisação que abarca algum conhecimento harmônico, dessa maneira, visando explorar quais eram tais conteúdos, fizemos essa investigação explicitando quais conteúdos das práticas instrumentais tinham mais proximidade com a disciplina de Harmonia. Já foi averiguado que com os estudantes de violão e teclado, há uma grande gama de conhecimentos estudados nas práticas que estes estudam novamente em Harmonia. Tomando conhecimento deste episódio, buscamos conhecer com mais profundidade quais estes conteúdos específicos.

#### *2.2.6. Quais os conteúdos vistos no decorrer da disciplina de Prática Instrumental que se aproximam com os conteúdos vistos na disciplina de Harmonia?*

Os estudantes de instrumentos de sopros trazem em seus relatos a experiência com escalas e sua aplicabilidade em alguns acordes no contexto do estudo da improvisação. Também expõem o contato com acordes (tríades), conteúdo visto apenas na Prática Instrumental III. Para melhor entender esses contextos, destacamos abaixo os depoimentos destes estudantes que corroboram com nossas constatações.

**Participante 1:** Escalas e suas aplicações em determinados acordes no estudo da improvisação.

**Participante 2:** Improvisação e escalas.

**Participante 8:** Apenas alguns acordes, geralmente tríades, ao longo da Prática Instrumental III. No caso, tínhamos que praticar improvisação para cumprir a proposta do semestre.

De acordo com os estudantes de cordas friccionadas **não há** nenhum conteúdo visto na Prática Instrumental que se assemelha com os vistos na disciplina de Harmonia:

**Participante 3:** Não lembro.

**Participante 5:** Nenhum.

**Participante 7:** Nenhum.

Com os estudantes de violão e teclado, a realidade é totalmente oposta às descritas pelos estudantes de sopros e cordas friccionadas. Se nas práticas de instrumentos melódicos a exposição a conteúdos ligados diretamente com harmonia é ainda baixa, nas práticas

harmônicas os estudantes têm contato direto desde o início com os conteúdos que serão ministrados posteriormente na disciplina de Harmonia:

**Participante 6:** Escalas, Acordes e Modos.

**Participante 10:** Cadências, campo harmônico, inversões, modulação.

**Participante 11:** Formação de acordes e do campo Harmônico.

**Participante 12:** Construção de acordes, função dos acordes, re-harmonização, encadeamento de vozes.

**Participante 13:** Campo Harmônico, Harmonia funcional.

Para enfatizar ainda mais esse diálogo que há entre as disciplinas de Prática Instrumental Violão e Teclado com as disciplinas de Harmonia, em termos de familiaridade de conteúdos, trouxemos o plano de ensino de Harmonia I, ofertada em 2016.1:

Figura 1 – Plano de ensino de Harmonia I 2016.1

CRONOGRAMA		
05	28/03	<b>MODULO 1</b>
06	28/03	<b>Conteúdos:</b>
07	04/04	
08	04/04	• Apresentação teórica
09	11/04	• O acorde, sua estrutura e cifragem.
10	11/04	• Tonalidades e funções principais
11	18/04	• Progressão harmônica e sua análise funcional
		• Continuidade harmônica
12	18/04	• Reharmonização de músicas
13	25/04	• Harmonização da melodia
14	25/04	• Escalas de acordes para sua montagem e para o improvisado
15	02/05	
16	02/05	<b>MODULO 2:</b>
17	09/05	<b>Conteúdos:</b>
18	09/05	• Tonalidade e funções secundárias
19	16/05	• Percepção harmônica
20	16/05	• Funções, cadências e fraseologia.
		• Pluralidades
		• Introdução à linguagem tonal e modal
		• Reharmonização de músicas
21	23/05	
22	23/05	
	Semana de avaliação	
23	30/05	<b>MODULO 3:</b>
24	30/05	<b>Conteúdos:</b>
25	06/06	
26	06/06	• Treino teórico
27	13/06	• Análise harmônica
28	13/06	• Execução das peças harmonizadas
29	20/06	• Notas de acorde e de tensão
30	20/06	• Harmonização de músicas
		• Reharmonização de músicas
		• Funções da diminuta

Fonte: Pesquisa documental em torno dos planos de ensino de Harmonia (Ano base de referência 2016.1).

Notem que uma parte considerável dos conteúdos acima descritos, foram contemplados no decorrer das Práticas Instrumentais de Violão e Teclado, como pudemos constatar através do relato dos próprios discentes anteriormente.

Com base nessa análise em torno dos conteúdos vistos nas práticas instrumentais e suas relações com os assuntos ministrados em Harmonia, pudemos avaliar que existe uma aproximação curricular entre as práticas instrumentais harmônicas de Violão e Teclado e as disciplinas de Harmonia. O contrário do que se percebe quando comparamos as práticas instrumentais melódicas com as disciplinas de Harmonia.

*2.2.7. Em sua caminhada no curso de Licenciatura em Música da UFC/Sobral, você foi estimulado a tirar músicas de ouvido, com atividades de transposição? Ou esse estímulo era realizado apenas através da partitura? Descreva um pouco.*

Fazendo uma breve recapitulação sobre os aspectos mencionados e discutidos acima, é possível entender que os métodos empregados para o aprendizado de instrumentos de Sopros e Cordas Friccionadas utilizam abordagens que priorizam inicialmente o aperfeiçoamento de técnicas específicas referentes ao domínio do instrumento musical, as quais pouco se relacionam com os elementos teóricos a serem vistos posteriormente nas disciplinas de Harmonia. Em contraposição, detectou-se que nas práticas de Violão e Teclado, além do enfoque no aspecto técnica, é estimulado também uma gama considerável de assuntos teóricos que se aproximam com os conteúdos que serão aprofundados nas disciplinas de Harmonia.

A partir de tais constatações, compilamos argumentos para discutir e refletir sobre a aprendizagem em harmonia por parte de estudantes de instrumentos melódicos.

É sabido que o diálogo entre as práticas de Violão e Teclado com Harmonia seria mais estruturado e ocorrente em relação às demais práticas, principalmente, por tratar-se de instrumentos que se baseiam em progressões harmônicas. Contudo, entendemos que as formas como as diversas práticas se relacionam com as disciplinas de Harmonia não é baseada apenas em métodos que abordem algum conhecimento específico da área ou nos conteúdos das práticas instrumentais que se relacionem com os de Harmonia, fato que nos incentivou a pesquisar sobre outros temas importantes que servem de ferramentas para um aprendizado em harmonia. É o caso, por exemplo, do estímulo a tirar músicas de ouvido, com atividades de transposição que, se incentivados desde o início da aprendizagem, trazem ótimos resultados no quesito de entendimento da linguagem harmônica. Com relação a isso, o

Professor Carrasqueira relata sobre “tirar” músicas de ouvido e sobre a prática da transposição no relato abaixo:

A grande maioria dos métodos de ensino de música é baseada na leitura. O aprendizado pela escuta, “tirando” músicas de “ouvido” não é estimulado, sendo até mesmo reprimido. Na medida em que mesmo os estudos baseados na transposição-que, se transpostos de “ouvido” (como fazem os cantores) seriam excelentes para o desenvolvimento da percepção auditiva e da memória - são escritos integralmente e tocados “lidos”, é óbvia a priorização do visual sobre o auditivo. (CARRASQUEIRA, 2001, p. 24).

Dessa maneira, reconhecendo a importância de “tirar” músicas de “ouvido”, e de ter a prática de transposição, decidimos investigar sobre as experiências dos estudantes com relação a este tema específico.

Inicialmente, contatou-se com os estudantes de Sopros que temos em tais práticas a frequência de estudo. Alguns relatam que foram estimulados a trabalhar de ouvido e, dessa maneira, também se familiarizaram com a prática da transposição:

**Participante 1:** Sim, tive estímulo a trabalhar o ouvido e a decorar trechos, frases e peças, assim como a fluência na transposição.

**Participante 8:** Sim, também durante a Prática Instrumental III (quanto a tirar música de ouvido). Quanto a transposição, acontece essencialmente via partitura, uma vez que o saxofone, em geral, substitui a trompa na orquestra.

**Participante 9:** No meu caso, já tinha trazido essa prática da banda de música e de outros grupos musicais dos quais fiz parte. No curso me deparei com os dois casos.

Já os discentes de Cordas Friccionadas relatam que não tinham esse hábito de tirar músicas de ouvido, pelo menos não na prática instrumental, porém de acordo com os relatos descritos percebemos que estes descrevem a disciplina de Percepção e Solfejo como o ambiente onde ocorre a prática de assuntos relacionados com os já descritos, através dos ditados melódicos, nos exercícios que são propostos pela disciplina. Além disso, através da análise dos relatos pudemos analisar que o hábito de transpor e de tirar músicas de ouvido, não é algo trabalhado com tanto afinco como nas práticas de Sopros. Os argumentos descritos abaixo reforçam essas constatações:

**Participante 3:** Tirar músicas de ouvido, não. Atividades de transposição, na disciplina de Percepção e Solfejo.

**Participante 5:** Não.

**Participante 7:** De ouvido a única coisa que era exercitado era nas disciplinas de percepção e solfejo, que era os ditados melódicos. Nas outras disciplinas, não me lembro de nenhum estímulo para se tirar música de ouvido.

Com os estudantes de Violão e Teclado, a situação não é diferente das vivenciadas pelos discentes de Sopros. Alguns dos respondentes também apontam para o estímulo da escuta atenta a partir da disciplina de Percepção e Solfejo:

**Participante 6:** Sim. Mas sempre tive muita dificuldade com a questão do ouvido. Minha percepção auditiva é meu ponto fraco.

**Participante 10:** Sim. Existem momentos onde o estudo é trabalhado em cima de partituras, assim como também sem elas, dessa forma trabalhando a percepção.

**Participante 12:** Sim. Na própria disciplina de Prática Instrumental, o professor nos estimulava a conhecer o som dos acordes e também tirar músicas de ouvido. A disciplina de Percepção e Solfejo também foi de grande contribuição para exercitar o ouvido.

**Participante 13:** Na aula de percepção e solfejo tínhamos ditados melódicos, ouvíamos e escrevíamos na partitura de acordo com nossa percepção.

Até agora pudemos compilar informações relacionando as vivências de estudantes de sopros, cordas friccionadas, ou seja, instrumentistas melódicos com os estudantes de Violão e Teclado, os instrumentistas harmônicos.

Através do depoimento de todos esses discentes pudemos compilar diversas informações com relação ao aprendizado em harmonia, o que possibilita identificar caminhos formativos característicos de cada prática instrumental. A questão a seguir, visa aprofundar e complementar o olhar em torno desses caminhos de formação distintos em cada prática instrumental ofertada no curso.

*2.2.8. Em sua opinião, no momento em que ingressa na disciplina de Harmonia, é possível identificar diferenças de aprendizagem entre os discentes oriundos de Práticas Instrumentais distintas? Faça um breve relato.*

O olhar dos estudantes em relação à formação de outros discentes na disciplina de Harmonia traz informações relevantes para discutir e refletir sobre quais aspectos estes conseguem visualizar nos outros discentes que não é trabalhado em sua formação na prática instrumental, além de identificar informações que os docentes das disciplinas de Harmonia e das práticas instrumentais também não conseguem dimensionar.

Inicialmente, fizemos a análise dos depoimentos dos estudantes de instrumentos melódicos com relação a esse tema. Pelos relatos, **todos eles afirmaram** que estudantes das disciplinas de Prática Instrumental Violão e Teclado (I a IV), entram na disciplina de Harmonia com mais facilidade em compreender os conteúdos, devido a base teórica que já foi

construída no decorrer dos dois primeiros anos do curso, como pode ser observado nos depoimentos que seguem:

**Participante 1:** Sim, é perceptível a maior evolução dos estudantes de práticas que trabalham mais diretamente com Harmonia, como teclado e violão. Os mesmos têm mais facilidade em compreender o conteúdo, pois sua base teórica, na área de harmonia são muito boas.

**Participante 2:** Sim, aparentemente as pessoas que vem de prática de instrumentos harmônicos demonstram mais disposição e base mais forte para seguir os estudos na harmonia. É como se eles fossem mais preparados.

**Participante 3:** Sim. Acredito que os estudantes das práticas instrumentais (violão e teclado) tem uma melhor compreensão auditiva de harmonia. Já os estudantes das demais disciplinas (sopros e cordas friccionadas) têm (falo de modo individual) certas dificuldades na escuta harmônica.

**Participante 8:** Sim. Considerando a partir da Harmonia I, o que percebo é que colegas das práticas de violão e teclado tiveram e têm uma maior facilidade de entender os conteúdos mais rapidamente, talvez por já praticarem isso em seus instrumentos.

**Participante 9:** Sim. Quem vem da prática de instrumento solo como Clarinete, saxofone, encontram uma dificuldade enorme. Para quem já tocou um instrumento harmônico, fica bem menos complicado.

Compilando e analisando os depoimentos dos estudantes de instrumentos harmônicos, pudemos perceber que eles relatam o fato de outros estudantes terem bastante dificuldade em assuntos que envolva construção de acordes, informação que nos fez refletir sobre o processo de estudo de formação de acordes na prática de sopros que, de acordo com os estudantes, acontece ainda de forma muito superficial e, de acordo com os discentes de cordas friccionadas, nem acontece em sua prática.

Outros depoimentos que colaboram com o estudo foram coletados a partir da fala dos estudantes de violão e teclado, os quais tratam da relação de familiaridade com o estudo de acordes. De acordo com eles, normalmente pessoas que não têm contato com essa prática sentem mais dificuldade:

**Participante 4:** Sim, principalmente em assuntos sobre construção de acordes, cadências. Os estudantes que conheciam esses conteúdos tinham mais facilidade do que os demais.

**Participante 6:** Sim. Os alunos melódicos têm mais dificuldade de assimilar o conteúdo a primeira vista. Já os harmônicos têm mais facilidade.

**Participante 10:** Sim. Normalmente, pessoas que não tem contato com o instrumento harmônico sentem mais dificuldade do que as que possuem alguma experiência.

**Participante 12:** Sim. Naturalmente os alunos de instrumentos harmônicos tinham maior facilidade de concepção que os alunos de instrumentos melódicos. Porém, a dificuldade dependia da experiência prévia com a harmonia.

**Participante 13:** Sim. Geralmente alunos que tocam instrumento “harmônico” como violão e teclado tem mais facilidade de entender inicialmente, acredito que pelo fato de já terem se familiarizado com o estudo de acordes.

Percebam que da análise dos depoimentos de todos os discentes que participaram dessa pesquisa pudemos obter um dado muito importante para essa investigação; todos eles afirmam que estudantes de instrumentos melódicos, ao ingressarem na disciplina de Harmonia sentem mais dificuldades de compreensão dos conteúdos ministrados em aula do que estudantes de instrumento harmônicos.

Tomando conhecimento deste fato, decidimos compilar através dos relatos desses estudantes os conteúdos específicos da disciplina de Harmonia que sentem mais facilidade de assimilar e os conteúdos que têm mais dificuldade.

*2.2.9. Cite três conteúdos de harmonia que você teve mais facilidade de assimilar e três que teve mais dificuldade.*

Em primeiro lugar, iremos destacar quais os conteúdos de harmonia que os estudantes das práticas instrumentais melódicas (sopros e cordas friccionadas) apontaram como elementos que foram assimilados com maior facilidade.

**Participante 1:** Campo harmônico, intervalos, modos.

**Participante 2:** tonalidades, formação de acorde e inversões.

**Participante 3:** 1. Campo harmônico - 2. Função da dominante - 3. Função da diminuta.

**Participante 7:** Modos gregos, Harmonização de escalas e pluralidade.

**Participante 8:** Acredito que o conteúdo que tive um pouco menos de dificuldade foi análise de funções tonais, na Harmonia I.

Em seguida, destaca-se alguns elementos específicos da área de harmonia que os discentes tiveram mais dificuldade de assimilar.

**Participante 1:** Acordes de empréstimo, Funções do diminuto, Acordes napolitano.

**Participante 2:** análise de graus, formação de acordes e funções.

**Participante 3:** 1. Acorde napolitano - 2. Compreensão Auditiva.

**Participante 5:** Modos, escalas e harmonia funcional.

**Participante 7:** Harmonia tradicional e funcional, acorde napolitano.

**Participante 8:** tive muito a sensação de incapacidade, incompetência para aprender, e houve uma defasagem considerável ao finalizar Harmonia I.

**Participante 9:** Senti dificuldade quando o professor pedia para rearmar, pois, como não tinha um pré-conhecimento e nem vivência, não conseguia compreender no ato. Aos poucos é que fui melhorando.

Percebam que da análise dos depoimentos podemos destacar que a maioria relatou a vivência com o campo harmônico como o conteúdo que foi mais aceito, assim como as funções harmônicas. Olhando por uma perspectiva de assuntos mal compreendidos

destacamos o acorde napolitano como um dos conteúdos específicos mais citados, além de rearmonização de músicas.

Com relação aos estudantes de Violão e Teclado, diferentemente dos instrumentistas melódicos, não conseguimos identificar um assunto específico que estes tiveram mais dificuldade, até porque, como veremos nos depoimentos abaixo, cada estudante tinha uma dificuldade bem específica.

**Participante 4:** Acorde Napolitano, Forma, Modos Gregos.

**Participante 6:** Análise Funcional, Cadências e Percepção Musical.

**Participante 10:** Análise de funções, cadências e arranjo.

**Participante 12:** Função dos acordes; Cadeamento de vozes, re-harmonização.

**Participante 13:** Inversões na harmonia funcional – uso da dominante secundária.

No que diz respeito aos assuntos que tiveram bastante facilidade de assimilação, destacamos, principalmente, a formação de acordes e a construção do campo harmônico. Vale ressaltar que inclusive alguns responderam que não tiveram dificuldade ao passar pela disciplina de Harmonia. Para contextualizar os dados descritos, iremos destacar abaixo os depoimentos dos estudantes relatando os conteúdos específicos que tiveram mais facilidade de assimilar.

**Participante 4:** Acorde, cadências, inversões.

**Participante 6:** Acordes, Escala e Modo.

**Participante 10:** Formação de acordes, relativa e anti-relativa e inversões.

**Participante 11:** Não tive dificuldade com o conteúdo.

**Participante 12:** Não me lembro de dificuldade em conteúdos de harmonia.

**Participante 13:** Campo harmônico – funções dos graus.

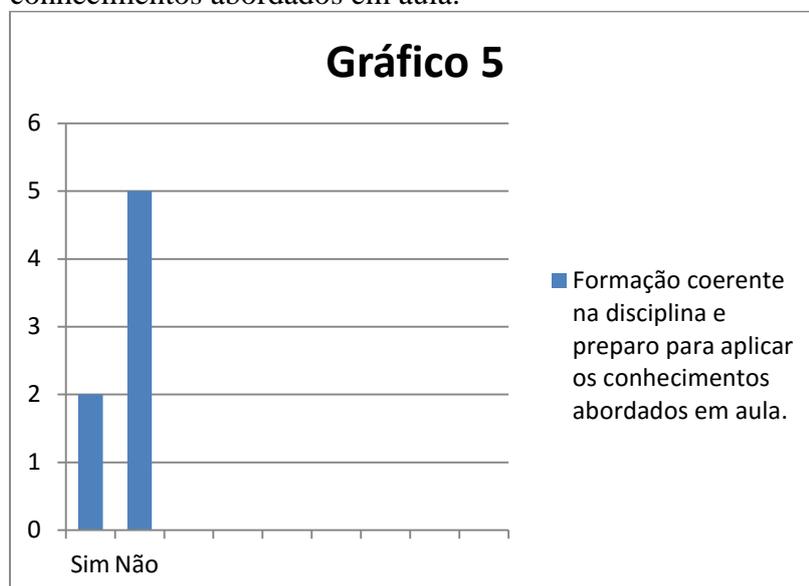
Recapitulando o que foi exposto nessa seção, pudemos perceber que ambos os estudantes de instrumentos melódicos e harmônicos, tiveram facilidade com a questão do campo harmônico, conteúdo específico da disciplina de Harmonia que na visão dos discentes foi bem assimilado; já assuntos como o acorde napolitano, foi um tema bastante citado em ambas as partes onde os participantes tiveram dificuldade de assimilação.

Apesar das dificuldades encontradas em relação à assimilação de determinados conteúdos e além das facilidades de entendimento de outros, procuramos aprofundar o olhar investigativo da pesquisa analisando a fala dos respondentes na questão seguinte, ao considerar a avaliação dos discentes com relação à disciplina de Harmonia e indagando se eles se sentiam preparados para aplicar os conhecimentos fomentados em aula.

2.2.10. Após passar pela disciplina de Harmonia, em sua opinião, você teve uma formação coerente com os objetivos propostos pela disciplina? Sente-se preparado para aplicar os conhecimentos abordados nas aulas?

Inicialmente, com base nos dados coletados da pesquisa, criamos um gráfico com as considerações dos estudantes de instrumentos melódicos (sopros e cordas friccionadas) sobre sua formação na disciplina de Harmonia e sobre o preparo para aplicar os conhecimentos fomentados nas aulas:

Gráfico 5 – Formação coerente na disciplina e preparo para aplicar os conhecimentos abordados em aula.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Dos sete estudantes de instrumento melódico que responderam ao questionário, apenas dois consideram que tiveram uma formação coerente na disciplina, sentindo-se preparados para aplicar os conhecimentos adquiridos em aula. Entretanto, os outros discentes afirmam que se sentem inseguros ao abordar os assuntos vistos no decorrer da disciplina. Destacam também nos seus depoimentos a falta de planejamento do professor em abordar alguns assuntos, o que dificultou a assimilação de determinados conteúdos.

**Participante 1:** Não, apenas em parte, porém não me sinto 100% preparado para aplicar determinados conhecimentos de harmonia.

**Participante 2:** Sinto que aprendi, mas não me sinto preparado para dar uma aula detalhada sobre [o assunto]. Sinto-me frágil nesse quesito.

**Participante 3:** Não. A abordagem de avaliação e aplicação de conteúdo foi um pouco confuso. E também a minha disponibilidade para aprender. Não sinto preparada.

**Participante 7:** Começamos com um conteúdo bem coerente, mas no final o professor dava a impressão de não saber o que passar para a turma, os conteúdos que foram passados, de certa forma, posso dizer que a maioria eu me sinto capaz de aplicar.

**Participante 8:** Não. Conforme dito na questão anterior, houve uma defasagem significativa, que está dificultando, conseqüentemente, o acompanhamento da disciplina Harmonia II. Não me sinto apta a abordar conteúdos de harmonia em minhas demais atividades.

**Participante 9:** Honestamente tenho que melhorar.

Posteriormente, no que diz respeito aos dados coletados com os discentes oriundos das práticas instrumentais harmônicas (violão e teclado), foram apontados elementos sobre a formação e o preparo destes em relação à aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos. De acordo com os relatos, podemos interpretar que alguns ainda estão inseguros em abordar os conteúdos do campo da harmonia, porém grande parte demonstra estar bem fundamentada nos assuntos expostos na disciplina.

**Participante 4:** Em parte sim, pois foram aprimorados os conteúdos que eu já tinha algum conhecimento; os demais conteúdos ainda não ficaram muito claros. Sinto-me preparada apenas para aqueles que eu já tinha domínio.

**Participante 6:** Ainda estou aprendendo. No momento não me sinto preparado para aplicá-los.

**Participante 10:** Foi boa, porém não me sinto preparado para repassar determinados conhecimentos.

**Participante 12:** Sinto-me preparado, porém não apenas por conta da disciplina, que foi um pouco confusa, sem lógica e faltando conteúdos. Meu conhecimento se deve, em grande maioria, por conta de estudos e interesse pessoal.

**Participante 13:** Estou em Harmonia II, acredito que consigo repassar o que vi até agora, mas ainda tenho muito que aprender em questão de conteúdos.

Considerando que boa parte dos estudantes de sopros e cordas friccionadas mostra insegurança ao abordar determinados conteúdos vistos na disciplina de Harmonia como, campo harmônico, cadências, rearmonizações, dominantes secundários, funções harmônicas, entre outros e ressaltando com base nos argumentos descrito pelos próprios estudantes que essa difusa estruturação de conhecimentos na área de harmonia é causada por diversos fatores, como, por exemplo, a falta de familiaridade com determinados conteúdos antes de ingressar na disciplina de harmonia, decidimos investigar sobre o estudo da linguagem harmônica dentro do Curso de Música, ou seja, compilar as visões dos alunos em relação ao estímulo que estes recebem em determinadas disciplinas no que diz respeito a assuntos que envolvam harmonia ou, então, se o estímulo a tais conteúdos só acontecem na própria disciplina de harmonia.

*2.2.11. Pra você, o estudo da linguagem harmônica dentro do currículo do curso de Música-Licenciatura da UFC/Sobral está limitado às disciplinas de Harmonia ou abarca também outras disciplinas (Práticas Instrumentais, Percepção e Solfejo, etc.)?*

Inicialmente, identificamos nos depoimentos dos alunos de instrumentos melódicos a insatisfação com a falta de diálogo entre a disciplina de Harmonia com Prática Instrumental. Na visão destes discentes, com um diálogo curricular mais coerente, os estudantes chegariam à disciplina de Harmonia mais dispostos.

Vale ressaltar que essa problemática de integração curricular entre tais disciplinas ocasiona para os estudantes um conjunto de dificuldades quanto a compreensão de elementos básicos da linguagem harmônica. Sobre a importância da harmonia e sua linguagem, o pianista e maestro Daniel Barenboim discorre:

Um elemento que, na música tonal, costuma ser negligenciado atualmente é a harmonia. A tensão harmônica tem um efeito crucial num trabalho e na maneira que este é executado. Dos três elementos – harmonia, ritmo e melodia – que influenciam de forma profunda a música tonal, a harmonia é possivelmente o mais importante, porque é o mais potente. É possível tocar o mesmo acorde com milhões de ritmos diferentes e lidar com todos eles sem necessidade de modificação. Uma melodia se torna desinteressante se ela não se move harmonicamente, o que implica que o impacto da harmonia é muito maior do que o do ritmo e da melodia. E ele existe em todo trabalho tonal. Existem inúmeras distinções entre Bach, Wagner, Tchaikovsky e Debussy, mas eles têm algo em comum: a força do impacto da harmonia. Isso implica que um acorde exerce uma espécie de pressão vertical no movimento horizontal da música. Quando o acorde se desenvolve, o fluxo horizontal da música é modificado. Isso não depende de Bach ou de Chopin ou de qualquer outro; em minha opinião essa é uma lei da natureza (BAREMBOIM, 2009, p. 130-131).

Já o autor José Miguel Wisnik ao relatar sobre a importância do conhecimento da harmonia, para o instrumentista melódico, complementa:

Pelo próprio caráter duplamente articulado, melódico e harmônico garantido à música bachiana pelo novo sistema, o discurso tonal pode, no entanto, realizar todas as suas potencialidades não apenas nas grandes massas corais das cantatas e das paixões, com seu tecido de múltiplas vozes, mas, por exemplo, numa simples sonata para flauta solo (assim como nas sonatas para violino ou nas suítes para violoncelo). É que na melodia solitária, tocada por um único instrumento, não é mais aquele desenho infinitamente circular em torno do caráter de um modo; mesmo quando não acompanhada de acordes, a sucessão melódica é depositária da linguagem da simultaneidade onde o fio da melodia não dá nenhum ponto sem nó harmônico. (...) Assim como o pensamento melódico está investido de harmonia, o pensamento monódico está investido de polifonia e a polifonia apresenta um grau acabado de resolução harmônica (...) a grande novidade que a tonalidade traz ao movimento de tensão e repouso (que, em alguma medida, está presente em toda a música) é a trama cerrada que ela lhe empresta, envolvendo nele, todos os sons da escala numa rede de acordes, isto é, de encadeamentos harmônicos. Tensão e repouso não se

encontram somente na frase melódica (horizontal), mas na estrutura harmônica (vertical). (WISNIK, 1989, p. 118).

Dessa forma, compreendendo a importância da harmonia para a formação musical desses discentes pudemos visualizar os seguintes aspectos: alguns ressaltam que assuntos relacionados com o campo da harmonia são vistos mais em Análise Musical e na própria disciplina de Harmonia, já outros discorrem que, na concepção deles, acontecem apenas nas práticas instrumentais de instrumentos harmônicos (violão e teclado):

**Participante 1:** Abarca, mas sinto falta de maior diálogo com a disciplina de Prática Instrumental.

**Participante 2:** Acho que a harmonia deveria ser mais explorada nas disciplinas citadas na questão. Penso que se isso for feito, tanto alunos de práticas instrumentais de instrumentos melódicos quanto harmônicos chegariam mais preparados nas disciplinas de harmonia.

**Participante 5:** Harmonia e análise são as únicas disciplinas que abordam o assunto.

**Participante 7:** Com certeza ela passa por várias outras disciplinas como contraponto, foi falado vagamente em Percepção e Solfejo. Eu acredito que deveria ter mais e em prática instrumental é essencial.

**Participante 8:** Se inclui em outras disciplinas, mas creio que apenas práticas de violão e teclado. Dependendo do professor, há conteúdos de harmonia na disciplina Percepção e Solfejo.

Fazendo uma comparação com os depoimentos dos estudantes de Violão e Teclado, é interessante destacar que estudantes de Sopros e Cordas Friccionadas em nenhum momento citam as suas respectivas práticas instrumentais como ambientes de estudo da linguagem harmônica; diferentemente dos estudantes das práticas harmônicas, que enxergam o estudo da linguagem harmônica dentro de suas Práticas de Violão e Teclado, como veremos nos depoimentos abaixo:

**Participante 4:** Prática Instrumental.

**Participante 6:** Abarca outras disciplinas. Principalmente Prática instrumental.

Analisando os depoimentos dos discentes, conseguimos vislumbrar um estímulo pequeno em relação ao estudo da linguagem harmônica que acontece entre as práticas instrumentais de Sopros e Cordas Friccionadas e, também, em disciplinas como Percepção e Solfejo.

*2.2.12. Você foi estimulado a compor e/ou improvisar nas aulas de Prática Instrumental e/ou Harmonia? Descreva sobre tais experiências formativas.*

Outra temática importante para o aprofundamento dessa investigação foi os dados que obtivemos em relação aos estímulos à composição e a improvisação que os estudantes tiveram dentro das disciplinas de Prática Instrumental e Harmonia.

Entendemos que com a prática da improvisação, adquirimos uma ferramenta importante que possibilita aos estudantes maior compreensão da linguagem harmônica, como aponta o Professor Carrasqueira ao relatar sobre a importância da improvisação no relato abaixo:

Além disso, a improvisação será uma ferramenta valiosa no sentido de proporcionar ao estudante a observação, a compreensão e a conquista de entidades expressivas da linguagem musical, a exemplo da dimensão vertical contida nas frases melódicas, os acordes, base do sistema tonal. (CARRASQUEIRA, 2001, p.28).

Já a professora Ermelinda Paz complementa:

Presente em todas as metodologias musicais que eclodiram no século XX, começando por Jacques Dalcroze, que a considerava expressão direta da vida, e passando por Maurice Martenot, Carl Orff, Edgar Willems, Georg Self, Brian Dennis, Robert Murray Schaffer, Hans Joachim Koellreutter e Violeta Gainza, a improvisação vem sendo a técnica mais estudada para desenvolver a auto expressão, a imaginação e a criatividade, e como forma de fixar a aprendizagem. Qualquer conteúdo musical pode ser abordado através da improvisação. (PAZ, 2002, p. 37).

Dessa maneira, verificando a importância da improvisação para a assimilação de conteúdos referentes à harmonia compilamos as informações dos discentes sobre essa temática. Observamos que estudantes de Sopros tinham o hábito de estudar improvisação em suas respectivas práticas instrumentais; alguns discentes ressaltam que deram início a assuntos relacionados com o campo da composição apenas em Harmonia; outros participantes destacam que o estímulo à composição ocorreu de maneira pontual na disciplina de Harmonia.

**Participante 1:** Sim, principalmente em Prática Instrumental, na disciplina de harmonia senti falta de maior estímulo para esses aspectos.

**Participante 2:** Muito pouco, improvisar em uma parte de uma das práticas.

**Participante 8:** Sim. A improvisar, embora muito basicamente, na Prática Instrumental III. A compor, na Harmonia II. Ainda não considero que meus conhecimentos nessas questões sejam suficientes para uma aplicação mais “segura”.

**Participante 9:** Sim nas aulas de prática. Em harmonia só a partir do segundo semestre.

Analisando as reflexões dos estudantes de Cordas Friccionadas percebemos que a prática da improvisação e composição eram aspectos não presentes em suas respectivas

práticas instrumentais, porém ressaltam a disciplina de Percepção e Solfejo como um ambiente de estímulo a composição. Além disso, destacam também que a disciplina de Harmonia foi o espaço que tiveram para iniciar seus estudos em improvisação.

**Participante 3:** Apenas em Harmonia (improvisar), compor também. Na disciplina de Percepção e Solfejo, fui incentivada a compor.

**Participante 5:** Não. Mesmo que fosse seria inviável, pois não houve alguma abordagem sobre improvisação e/ou composição.

**Participante 7:** Não nas aulas de prática, algumas aulas de Harmonia o professor pediu para levarmos os instrumentos e perguntava quem sabia improvisar e colocava os alunos para improvisar nas músicas que tocávamos, mas não me lembro dele ter ensinado nada sobre. Já a parte de criação, teve muito pouco em harmonia e nada em prática. Na hora das conduções de vozes que foi um dos últimos conteúdos vistos o professor dava uma melodia e a gente tinha que criar as outras vozes.

Com os estudantes de violão e teclado, pudemos entender a partir dos relatos que esses passam por estímulos à composição e a improvisação no decorrer das suas práticas instrumentais. Na Prática Instrumental Violão, os estímulos aconteciam através da elaboração de arranjos que os alunos criavam e, também, nas rodas de improvisação. Na Prática Instrumental Teclado acontecia principalmente os exercícios de improvisação.

**Participante 4:** Em prática instrumental. Acontecia através de arranjos que os alunos tinham que fazer.

**Participante 6:** Sim. Nas aulas de Prática o professor de vez em quando realizava exercícios de improvisação.

**Participante 10:** Sim. Através de exercícios de composição e rodas de improvisação.

**Participante 12:** Sim. Na Harmonia fui estimulado, principalmente a re-harmonizar. Agora em Prática Instrumental fui estimulado a compor, improvisar, arranjar e usar todo o meu conhecimento, até então, para fazer as atividades da disciplina.

**Participante 13:** Sim. Na aula de violão temos um momento de improvisação coletiva. Na harmonia estamos trabalhando com composição e arranjos.

Com base nos dados apresentados, pudemos compreender que a prática da improvisação acontece de maneira fluente, principalmente, nas práticas de violão, teclado e sopros, sendo a Prática Instrumental Cordas Friccionadas o ambiente menos contemplado com essa prática. Outro aspecto importante a ser mencionado foi a referência feita à disciplina de Percepção e Solfejo como um ambiente formativo que oportuniza o estímulo à composição, além da própria disciplina de Harmonia que surge como único espaço para alguns estudantes quanto à iniciação na composição e improvisação.

Dessa forma, vale destacar que de acordo com os dados coletados e analisados, pudemos perceber que a abordagem da improvisação e composição é regida no curso de música de várias formas, ou seja, tratando-se especificamente desse contexto, podemos relatar

que uns adentram nesse campo de conhecimento desde o começo do curso durante às práticas instrumentais. Contudo, outros discentes do curso só são iniciados na prática de composição e improvisação, apenas na disciplina de Harmonia.

Outra informação importante que conseguimos coletar através do questionário aplicado com os discentes, foi os depoimentos destes sobre a aplicação dos conhecimentos fomentados nas aulas de harmonia, ou seja, onde os conhecimentos adquiridos nas aulas foram mais úteis.

*2.2.13. Consegue descrever em qual momento do curso você conseguiu utilizar os conhecimentos fomentados nas aulas de Harmonia? Ou ainda não houve oportunidades para pôr em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas?*

Inicialmente alguns estudantes relatam o uso dos conhecimentos fomentados em Harmonia para embasar seus estudos em improvisação:

**Participante 1:** Na prática em grupo, principalmente no estudo da improvisação,

**Participante 10:** No estudo de improvisação.

Outro aspecto mencionado pelos estudantes foi a utilização dos conhecimentos de harmonia aproveitados nas aulas de Análise Musical, os depoimentos abaixo reforçam essa afirmação:

**Participante 2:** Sim, os poucos que consegui acompanhar nas disciplinas de harmonia me foram úteis e necessários nas aulas de Análise I e II.

**Participante 5:** Apenas na introdução à disciplina de Análise.

Outros ambientes citados foram, respectivamente, a Oficina de Música, a própria disciplina de Harmonia e o Estágio Supervisionado:

**Participante 6:** Sim. Na oficina de Música e nas aulas de Harmonia atualmente.

**Participante 7:** Acredito que principalmente nas aulas de harmonia.

**Participante 13:** Sim, ministrando aulas de violão no estágio. Campo harmônico.

Dessa forma compreendemos que o conhecimento adquirido nas aulas de Harmonia é utilizado de diversas formas, de acordo com esses estudantes, principalmente no estudo da improvisação, na complementação aos estudos de Análise Musical, na Oficina de

Música, além da própria disciplina de Harmonia e nas vivências em docência disponibilizadas pelo Estágio Supervisionado.

Após ter compilado e analisado as respostas destes participantes vale destacar que durante toda a pesquisa, foram encontrados depoimentos relevantes que trazem importantes apontamentos que não se encaixam nas seções apresentadas e discutidas nesse trabalho, mas precisam ser registradas nessa investigação para alimentar a discussão sobre o assunto proposto.

Dessa maneira destacamos neste momento um comentário adicional do participante 8 a respeito do tema discutido neste trabalho:

**Participante 8:** Acredito que os professores de harmonia, deveriam procurar conhecer as turmas a fim de equilibrar o nível dos conteúdos que pretendem abordar. Além disso, a organização e apresentação desses conteúdos devem ser feitas gradualmente, sempre considerando as dificuldades dos alunos, e que alunos são esses (são os instrumentistas melódicos que têm mais dificuldade? Como trabalhar para tentar resolver). Dialogar com a turma sobre como a disciplina e avaliações serão conduzidas também pode ser importante. Partindo para algo mais amplo, penso que desde os semestres iniciais alguns elementos de harmonia deveriam ser inseridos nas aulas de Percepção e Solfejo e em todas as Práticas Instrumentais, não apenas naquelas cujos instrumentos possibilitam a execução harmônica.

A compilação e análise das informações oferecidas pelos estudantes de instrumentos melódicos e harmônicos do Curso de Música nos permite elaborar uma conclusão a respeito das relações de aprendizagem entre estudantes de instrumentos melódicos e a disciplina de Harmonia, pois nos mostra o processo formativo desses discentes até chegarem diante da disciplina de Harmonia, além de ressaltar a disparidade que há entre conhecimentos fomentados nas Práticas Instrumentais no que se refere a assuntos relacionados com harmonia, o que de certa forma causa uma falta de familiaridade com determinados conteúdos ao ingressar na disciplina de Harmonia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de termos um importante crescimento de discussões e pesquisas a respeito do aprendizado em harmonia, inclusive tratando-se da relação de aprendizagem de instrumentistas melódicos e suas singularidades no aprendizado do conteúdo harmonia, ainda existem importantes brechas nessas discussões a serem complementadas por novas pesquisas.

Consequentemente, essa investigação procurou compreender as principais relações de aprendizagem vivenciadas pelos discentes do curso de Música – Licenciatura da UFC, *Campus* Sobral, no que diz respeito à aquisição de competências e habilidades relacionadas a linguagem harmônica. Para tanto, investigou-se e refletiu-se como estes discentes aproveitaram os conhecimentos adquiridos na disciplina de Harmonia, além de ressaltar os principais aspectos ocorrentes que viabilizaram uma diferenciação de aproveitamento de conteúdos em relação a estudantes de práticas instrumentais distintas e, por fim, a visualização dos processos formativos que cada estudante de prática instrumental perpassa até chegar à disciplina de Harmonia, enfatizando a disparidade constatada entre práticas instrumentais de instrumentos melódicos *versus* harmônicos, destacando as implicações resultantes em torno dessa trajetória formativa específica vivenciada por cada discente.

Durante a pesquisa, através da análise dos depoimentos dos participantes perante o questionário aplicado, foi possível identificar que a maioria dos respondentes tinham ricas experiências com música antes mesmo de ingressar no Curso de Música.

Vale destacar que grande parte dos instrumentistas melódicos que participaram dessa pesquisa tinha uma vivência de ensino tradicional de música, informação que deixa evidente a ênfase no aperfeiçoamento da leitura no instrumento, o que nos permite refletir que estes passam por um processo de formação musical visando principalmente na iniciação, à leitura de partitura, ocasionando, de certa forma, em uma boa leitura musical, porém deixando de lado outros aspectos importantes em sua formação musical.

Essas constatações nos revelaram que na iniciação ao instrumento melódico (Sopros e Cordas Friccionadas) ocorre a priorização do aprendizado focado na leitura musical, enquanto que os instrumentistas harmônicos (Violão e Teclado) já iniciam seu processo formativo com acompanhamentos de cantigas, reconhecimento de cifras, entre outros, o que ocasiona, posteriormente, em um maior conhecimento acumulado junto à área de harmonia, se comparado aos instrumentistas melódicos.

Nos depoimentos dos participantes da pesquisa, eles deixam claro também, os métodos de instrumentos empregados para o aperfeiçoamento instrumental no curso. O que se constata, primeiramente, são os métodos utilizados pelas práticas instrumentais de Sopros e Cordas Friccionadas o qual abordam assuntos característicos referentes à mecânica e técnicas específicas dos respectivos instrumentos. Comparado aos métodos de violão, por exemplo, podemos perceber que estes, abordam assuntos específicos com base na mecânica do instrumento, mas também aborda assuntos referentes a outros campos da linguagem musical, como harmonia. Dessa forma, compreende-se que os métodos abordados pelas práticas de instrumentos harmônicos acabam, conseqüentemente, capacitando seus estudantes para assuntos posteriores que serão abordados no decorrer do Curso relacionados com a área de Harmonia. Enquanto isso, os métodos empregados pelas práticas de Sopros e Cordas Friccionadas direcionam a aprendizagem para o aperfeiçoamento instrumental e trabalhando pouco aspectos referentes aos conteúdos harmônicos.

Com base nos argumentos dos respondentes da pesquisa, foi verificado que nas práticas de instrumentos melódicos, o estímulo ao conhecimento de assuntos relacionados com harmonia ainda é pequeno, o que resulta em uma falta de familiaridade com tais assuntos.

O oposto dessa realidade vive os estudantes de Práticas Instrumentais Harmônicas, que descrevem que desde a iniciação na prática instrumental são estimulados com conteúdos oriundos do campo da harmonia.

Tudo isso contribui para que ocorra uma disparidade, ou seja, uma maior facilidade de compreensão de estudantes de violão e teclado em relação à harmonia do que estudantes de sopros e cordas friccionadas.

Para enfatizar ainda mais esta comparação de caminhos formativos até o egresso na disciplina de Harmonia, foi constatado que dos conteúdos estudados em Harmonia I, grande parte dos conhecimentos já haviam sido contemplados pelos estudantes de violão e teclado nas práticas instrumentais, informação que complementa o fato desses estudantes chegarem mais preparados nas disciplinas de Harmonia. Já os Instrumentistas Melódicos, tinham uma abordagem inicial com assuntos relacionados com harmonia, apenas no 3º e 4º semestre, quando eram introduzidos ao estudo de improvisação.

Outro aspecto interessante constatado no decorrer da pesquisa foi o estímulo dado aos discentes em todas as práticas instrumentais com relação ao exercício de “tirar” músicas de “ouvido”. De acordo com as informações compiladas, podemos perceber que as práticas instrumentais, apesar de serem específicas na abordagem de alguns assuntos teóricos,

apresentam iniciativas para que os discentes tenham o hábito de “tirar” músicas de “ouvido”, prática que ajuda no desenvolvimento da escuta harmônica, capacidade que pode melhorar a compreensão de instrumentistas melódicos em relação à harmonia.

O resultado da análise dos depoimentos dos discentes verificou que todos estes, concordam que os estudantes das Práticas Instrumentais Harmônicas (Violão e Teclado) chegam com mais preparo diante da disciplina de Harmonia. Além disso, verificou-se que os assuntos que os instrumentistas melódicos tiveram maior dificuldade foram os conteúdos que se distanciam de assuntos relacionados com a improvisação, como é o caso do acorde napolitano. Já os assuntos que tais discentes tiveram maior facilidade no campo da harmonia, foram justamente os conteúdos que tinham sido abordados durante as Práticas Instrumentais III e IV (Sopros), quando se deu o início o estudo da improvisação nas disciplinas. Daí a importância de uma abordagem de conteúdos referentes a harmonia nas práticas de Sopros e Cordas Friccionadas e, não somente nas práticas de Violão e Teclado.

Outra informação relevante que obtivemos no decorrer da pesquisa foi o pouco diálogo curricular que há entre disciplinas de instrumentos melódicos e a disciplina de Harmonia, tanto que conseguimos compilar nos depoimentos coletados alguns discursos dos participantes que sustentam essa informação. A carência no que diz respeito a uma melhor articulação e integralização curricular entre as Práticas Instrumentais de Sopros e Cordas Friccionadas com as disciplinas de Harmonia, acarretam numa dificuldade significativa quanto a adaptação dos discentes oriundos das práticas melódicas em relação aos conhecimentos trabalhados ao longo das disciplinas de Harmonia I, II e III.

Além disso, é importante destacar que a proposta deste trabalho não visa criar um jeito de ensinar harmonia de modo igualitário para estudantes de práticas instrumentais distintas, independentemente de ser ou não instrumento melódico ou harmônico, e nem criticar a forma como as práticas instrumentais são oferecidas no Curso de Música. Contudo, com base nas informações obtidas, acreditamos que traremos novas discussões acerca de como estudantes de instrumentos melódicos apesar de serem instrumentistas que se baseiam muito mais em melodias podem compreender a linguagem harmônica de forma mais estruturada e coesa. Acreditamos que a enorme quantidade de relatos descritas pelos próprios instrumentistas melódicos acerca de suas trajetórias, contribui de forma riquíssima para essa investigação, pois explicita que estes perpassam por uma preparação que poderia ser abordada de forma mais consistente, ou seja, inserindo conteúdos de harmonia nas práticas melódicas. Além disso, ressalta um maior preparo de estudantes de Violão e Teclado ao chegar à

disciplina de Harmonia, demonstrando uma disparidade de conhecimentos entre as práticas instrumentais.

Por fim, compreende-se que este trabalho, trata-se de um recorte temporal e situado em torno do referido tema de pesquisa. Contudo, tais apontamentos averiguados revelam uma amostragem significativa e concreta do momento específico investigado e, ainda, podem servir como fonte de pesquisa e consulta para docentes e discentes do curso de música da UFC/Sobral, além de outros agentes interessados nas discussões em torno das relações de ensino e de aprendizagem de harmonia no ensino superior.

## REFERÊNCIAS

BAREMBOIM, D.A **música desperta o tempo**. São Paulo: Ed.Martins Fontes, 2009.

BRISOLLA, Cyro Monteiro. **Princípios de harmonia funcional**. São Paulo: Novas Metas, 2006.

CARRASQUEIRA, Antonio Carlos Moraes Dias. **Estudos criativos para o desenvolvimento harmônico do instrumentista melódico**: Uma contribuição para a formação do músico. Tese (Doutorado em Música). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GODOY, Arilda. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.

KANDLER, Maira Ana. **Os processos de musicalização dos instrumentistas de sopros nas bandas de musicais do meio catarinense - Dados Iniciais da Pesquisa**. I simpósio de Pós-Graduandos em Música. XV Colóquio do Programa de Pós Graduandos em Música da UNIRIO. Disponível em: <http://www4.unirio.br/simpom/textos/SIMPOM-Anais-2010-MariaAnaKandler.pdf>

KOELLREUTER, Hans Joachim. **Harmonia funcional**: introdução à teoria das funções harmônicas. São Paulo: Ricordi, 1980.

KRONBAUER, Adriano. **“A utilização de TICS na Educação Musical: Ensino de Violão”**. Artigo Científico. Universidade de Santa Maria, 2011.

LORENZI, Graciano. **Compondo e Gravando músicas com adolescentes**: uma pesquisa-ação na escola pública. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

NASCIMENTO, Marco Antonio Toledo. **Método elementar para o ensino coletivo de instrumentos de Banda de Música “Da capo”**: um estudo sobre sua aplicação. Dissertação (Mestrado em Música). Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa**: características, usos e possibilidades. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>.

PAZ, E.A.**O modalismo na Música Brasileira**.Brasília:Editora Musimed:2002.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. **O ensino superior e as licenciaturas em música: um retrato do habitus conservatorial nos documentos curriculares**. Campo Grande: Editora UFMS, 2013.

PY, Bruno Maia de Azevedo. **O Ensino de Harmonia em Cursos Livres de Música: Harmonia Funcional?** Monografia (Licenciatura em Música). Instituto Villa - Lobos, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ CAMPUS DE SOBRAL. Curso de Música - Licenciatura. **Projeto Pedagógico do Curso**. Sobral, 2014.

WISNIK, J.M. **O som e o sentido: uma outra história das músicas**. São Paulo: Companhia das Letras: 1989.

## APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

### QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

**TÍTULO DA PESQUISA - A RELAÇÃO ENTRE A DISCIPLINA DE HARMONIA E ESTUDANTES DE INSTRUMENTOS MELÓDICOS: UMA INVESTIGAÇÃO NO CURSO DE MÚSICA - LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ *CAMPUS* SOBRAL**

- 1. Quando ingressou no curso de Licenciatura em Música da UFC/Sobral, você já tinha algum conhecimento prévio na área de Música? Comente sobre tais experiências formativas.**
- 2. Qual seu instrumento musical principal? Há quanto tempo você estuda seu instrumento musical?**
- 3. Descreva brevemente suas relações de aprendizagem com o campo da teoria musical.**
- 4. Durante as disciplinas de Prática Instrumental, seu professor abordou algum método de instrumento? Poderia descrever brevemente?**
- 5. Nas disciplinas de Prática Instrumental havia algum tipo de abordagem de assuntos relacionados com o campo da harmonia?**
- 6. Quais os conteúdos vistos no decorrer da disciplina de Prática Instrumental que se aproximam com os conteúdos vistos na disciplina de Harmonia?**
- 7. Em sua caminhada no curso de Licenciatura em Música da UFC/Sobral, você foi estimulado a tirar músicas de ouvido, com atividades de transposição? Ou esse estímulo era realizado apenas através da partitura? Descreva um pouco.**
- 8. Em sua opinião, no momento em que ingressa na disciplina de Harmonia, é possível identificar diferenças(s) de aprendizagem entre os discentes oriundos de Práticas Instrumentais distintas? Faça um breve relato.**

**9. Cite três conteúdos de harmonia que você teve mais facilidade de assimilar e três que teve mais dificuldade.**

**10. Após passar pela disciplina de Harmonia, em sua opinião, você teve uma formação coerente com os objetivos propostos pela disciplina? Sente-se preparado para aplicar os conhecimentos abordados nas aulas?**

**11. Pra você, o estudo da linguagem harmônica dentro do currículo do curso de Música - Licenciatura da UFC/Sobral está limitado às disciplinas de Harmonia ou abarca também outras disciplinas (Práticas Instrumentais, Percepção e Solfejo, etc.)?**

**12. Você foi estimulado a compor e/ou improvisar nas aulas de Prática Instrumental e/ou Harmonia? Descreva sobre tais experiências formativas.**

**13. Os conteúdos ministrados nas aulas de Harmonia tiveram alguma utilidade para sua prática profissional?**

**14. Já foi músico de Banda? Se sim, teve algum tipo de experiência que lhe oferecesse ferramentas para compreender o conteúdo inerente à Harmonia?**

**15. Consegue descrever em qual momento do Curso você conseguiu utilizar os conhecimentos fomentados nas aulas de Harmonia? Ou ainda não houve oportunidades para pôr em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas?**

**APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DOS DADOS COLETADOS A PARTIR DA  
APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO REALIZADO COM ESTUDANTES DO CURSO  
DE MÚSICA – LICENCIATURA DA UFC, CAMPUS SOBRAL.**

**TRANSCRIÇÕES E RESPOSTAS**

**1. Quando ingressou no curso de Licenciatura em Música da UFC/Sobral, você já tinha algum conhecimento prévio na área de Música? Comente sobre tais experiências formativas.**

1. Participante: Sim, iniciei na música através da Banda de Música da minha cidade, lá aprendi partitura e a tocar trompete. Além da Banda também participei de alguns festivais de música, os quais possuíam oficinas formativas de conteúdo musical.
2. Participante: muito pouco, entendia sobre identificação de tonalidades, leituras de partitura e cifra. O pouco que aprendi, e realmente muito pouco, foi participando de festivais e estudando sozinho.
3. Participante: Sim. Anterior ao ingresso no curso eu participava da Banda de música da minha cidade natal, Canindé. A iniciação musical foi por meio da teoria musical tradicional, apenas teoria, após 10 meses dei início a prática instrumental, já pra tocar na banda. Paralelo a esta experiência, dei início a prática em instrumento de cordas friccionadas (violino), passando apenas 1 ano.
4. Participante: Sim, campo harmônico maior e menor, escala maior e menor. Em um curso simples de violão de 3 meses.
5. Participante: Sim. Trabalho fazendo música ao vivo em bares e restaurantes na cidade de Sobral.
6. Participante: A minha experiência era com o canto. Participo a alguns anos de Coral na Igreja Católica.
7. Participante: Sim, já havia aprendido a tocar alguns instrumentos como violão, cavaquinho, contrabaixo acústico e elétrico e aprendi também a ler partitura e muita coisa em harmonia, toquei os diversos instrumentos citados acima em diversos grupos musicais diferentes.
8. Participante: Não
9. Participante: Sim. Desde os doze anos que faço parte da banda de música Lázaro Freire. De início estudamos um pouco de teoria para dois meses depois pegar em um instrumento musical.

10. Participante: Sim. Ingressei no curso com uma vivência de bandas de música e de festivais de música.
11. Participante: Sim, participei da Banda de Música de Poranga.
12. Participante: Sim. Pouco. Aprendi a tocar violão, inicialmente em um projeto na escola e depois pela internet. No geral já sabia alguns acordes, ritmos, escalas técnica e um pouco de partitura.
13. Participante: Não.

**2. Qual seu instrumento musical principal? Há quanto tempo você estuda seu instrumento musical?**

1. Participante: Trompete, 7 Anos
2. Participante: Flauta, 6 anos
3. Participante: Viola. Há 4 anos
4. Participante: Violão. 8 anos
5. Participante: Violão. Há 22 anos
6. Participante: Teclado. Desde o início do curso, mas tenho muita dificuldade com o mesmo.
7. Participante: Não tenho instrumento musical principal, estudo ha sete anos os instrumentos.
8. Participante: Saxofone alto. Estudo iniciado na graduação, há dois anos e meio (2015.1)
9. Participante: Saxofone alto. Estudo há 27 anos.
10. Participante: Trombone. Há 7 anos
11. Participante: Clarinete. Mais ou menos uns 8 anos, mas com alguns períodos parados sem ter contato com o instrumento.
12. Participante: Violão. 5 anos mais ou menos.
13. Participante: Violão. 4 anos

**3. Descreva brevemente suas relações de aprendizagem com o campo da teoria musical.**

1. Participante: Meus estudos de teoria musical foram voltados mais para a leitura de partitura. O objetivo era ter o domínio da leitura para aplicá-la ao instrumento. Tive pouco contato com outras áreas de estudo de teoria musical antes de entrar na faculdade.
2. Participante: Iniciei meus estudos na banda de música de minha cidade natal, lá tive algumas aulas de teoria. Participei de festivais e eventos onde tiveram aulas de teoria.

3. Participante: A relação que melhor posso descrever é da aprendizagem na disciplina de Percepção e Solfejo, assuntos como escalas maiores e menores, relações intervalares, leitura musical relativa, escuta melódica e rítmica.
4. Participante: Em um curso de 3 meses , através de revistinhas de cifras. O Básico para acompanhar uma música.
5. Participante: Apenas estudei sobre teoria musical após meu ingresso no curso de música.
6. Participante: Minha aprendizagem se deu a partir das disciplinas do curso: Prática instrumental, PS e Harmonia.
7. Participante: Já participei de muitos festivais de música onde tive várias aulas que reforçaram muito meu conhecimento a teoria musical, embora eu já soubesse de coisas que eu aprendi com meus professores de instrumentos e também através de métodos escritos.
8. Participante: A aprendizagem quanto à teoria musical se concentrou nas disciplinas de Percepção e solfejo e Prática instrumental (no âmbito acadêmico). Em outras situações, entretanto, ouvia falar sobre alguns elementos teóricos e procurava pesquisar a respeito.
9. Participante: Quando mais jovem estudei o básico. Hoje em dia, depois de ingressar na faculdade, tenho procurado me aprofundar no assunto.
10. Participante: Minha relação com a teoria musical iniciou quando tinha 10 anos, por meio dos meus irmãos e conseqüentemente através das bandas de música.
11. Participante: Bem produtivos. É uma área do conhecimento musical que gosto muito.
12. Participante: Sempre busquei aprender a teoria para melhorar minhas habilidades. Busquei aprender principalmente pela internet.
13. Participante: Meu primeiro contato com teoria musical foi no curso de música, leitura de partituras, acordes, harmonia, entre outros. Tenho facilidade de entender, o que pesa mesmo é a prática, não leio partitura fluentemente, entendo campo harmônico e inversões.

**4. Durante as disciplinas de Prática Instrumental, seu professor abordou algum método de instrumento? Poderia descrever brevemente?**

1. Participante: Sim, fizemos estudo do método “Da Capo”, o qual trabalha com o ensino coletivo.
2. Participante: Nos primeiros quatro semestres trabalhamos com a metodologia do ensino coletivo de instrumentos musicais, o método mais usado foi o Da Capo de Joel

Barbosa. A partir do 5º semestre com as aulas individuais de flauta usamos outros métodos como Taffanel et Goubert , Phillippe Bernard , entre outros.

3. Participante: Muito pouco. Bom, a metodologia era muito de aplicação de repertório, muito pouco tivemos contato pra estudar aprender algum método. Falo das Práticas Instrumentais (obrigatória).
4. Participante: Harmonia - Ian Guest e Marco Pereira.
5. Participante: Sim, Método de ensino coletivo.
6. Participante: Abordou o método Meu piano é divertido, Bella Bártok, os estudos de Czerne.
7. Participante: Durante os dois anos de Prática Instrumental somente vimos o Volume I do Suzuki. A idéia pelo que entendi era aprender em conjunto através da repetição de músicas que tinham no método.
8. Participante: Sim. O método “Da Capo”, no primeiro semestre, com o intuito de realizar o ensino coletivo de instrumentos. O método contém melodias populares/folclóricas que são apresentadas em nível progressivo de dificuldade, bem como os elementos teóricos que aparecem nas músicas. A partir do terceiro semestre, os métodos “Klosé” e “Amadeu Russo” foram estudados, com foco em escalas e mecanismos do instrumento.
9. Participante: O método para clarinete Closé foi de grande importância pois eu percebi que ia melhorando a cada aula.
10. Participante: Sim. Meu professor de violão trabalhou os seguintes métodos: Isaías Sávio, Abel Carlevaro e Nelson Faria.
11. Participante: Sim, não poderei.
12. Participante: Não.
13. Participante: Sim. Método de peças e estudos de violão – Isaías Sávio, Método de estudo de escalas do Nelson Faria, Arpejos de Abel Carlevaro.

**5. Nas disciplinas de Prática Instrumental havia algum tipo de abordagem de assuntos relacionados com o campo da harmonia?**

1. Participante: Muito pouco, apenas em momentos específicos, em determinados semestres estudamos um pouco sobre improvisação.
2. Participante: muito pouco, no quarto semestre trabalhamos um pouco de improvisação e escalas.
3. Participante: Não
4. Participante: sim, Campo Harmônico, acordes, cadências, escalas.

5. Participante: Não
6. Participante: Sim, escalas, modos, acordes e entre outros.
7. Participante: Não
8. Participante: Sim, mas muito vagamente. Particularmente, não conseguia compreender tais assuntos, pois não eram explicados com detalhes e gradualmente.
9. Participante: No terceiro semestre de prática instrumental iniciei na improvisação, que implicava em alguns conhecimentos harmônicos abordados pelo professor.
10. Participante: Sim
11. Participante: sim
12. Participante: Sim, desde o começo.
13. Participante: Sim

**6. Quais os conteúdos vistos no decorrer da disciplina de Prática Instrumental que se aproximam com os conteúdos vistos na disciplina de Harmonia?**

1. Participante: Escalas e suas aplicações em determinados acordes no estudo da improvisação
2. Participante: Improvisação e escalas
3. Participante: Não lembro
4. Participante: Os mesmos de Prática instrumental citado anteriormente.
5. Participante: Nenhum
6. Participante: Escalas, Acordes e Modos.
7. Participante: Nenhum
8. Participante: Apenas alguns acordes, geralmente tríades, ao longo da Prática Instrumental III. No caso, tínhamos que praticar improvisação para cumprir a proposta do semestre.
9. Participante: Como eu disse na outra pergunta, o professor nos explicou sobre campo harmônico, escala pentatônica etc.
10. Participante: Cadências, campo harmônico, inversões, modulação
11. Participante: Formação de acordes e do campo Harmônico.
12. Participante: Construção de acordes; função dos acordes; re-harmonização; encadeamento de vozes.
13. Participante: Campo Harmônico – Harmonia funcional.

**7. Em sua caminhada no curso de Licenciatura em Música da UFC/Sobral, você foi estimulado a tirar músicas de ouvido, com atividades de transposição? Ou esse estímulo era realizado apenas através da partitura? Descreva um pouco.**

1. Participante: Sim , tive estímulo a trabalhar o ouvido e a decorar trechos, frases e peças , assim como a fluência na transposição.
2. Participante: Muito pouco , pois como toco um instrumento que não é transpositor, pouco tive que transpor. Sobre tirar de ouvido, muito pouco.
3. Participante: Tirar músicas de ouvido , não. Atividades de transposição , na disciplina de Percepção e Solfejo.
4. Participante: Não, e esse é um conteúdo muito importante. Pois torna o músico mais independente musicalmente. O estímulo era apenas por cifras e partitura.
5. Participante: Não
6. Participante: Sim. Mas sempre tive muita dificuldade com a questão do ouvido. Minha percepção auditiva é meu ponto fraco.
7. Participante: De ouvido a única coisa que era exercitado era nas disciplinas de percepção e solfejo, que era os ditados melódicos. Nas outras disciplinas não me lembro de nenhum estímulo para se tirar música de ouvido.
8. Participante: Sim , também durante a prática instrumental III(quanto a tirar música de ouvido). Quanto à transposição , acontece essencialmente via partitura , uma vez que o saxofone em geral substitui a trompa na orquestra.
9. Participante: No meu caso já tinha trazido essa prática da banda de música e de outros grupos musicais dos quais fiz parte. No curso me deparei com os dois casos.
10. Participante: Sim. Existem momentos onde o estudo é trabalhado em cima de partituras , assim como também sem elas , dessa forma trabalhando a percepção.
11. Participante: Fui estimulado várias vezes.
12. Participante: Sim. Na própria disciplina de Prática Instrumental , o professor nos estimulava a conhecer o som dos acordes e também tirar músicas de ouvido. A disciplina de Percepção e Solfejo também foi de grande contribuição para exercitar o ouvido.
13. Participante : Na aula de percepção e solfejo tínhamos ditados melódicos, ouvíamos e escrevíamos na partitura de acordo com nossa percepção.

**8. Em sua opinião, no momento em que ingressa na disciplina de Harmonia, é possível identificar diferenças(s) de aprendizagem entre os discentes oriundos de Práticas Instrumentais distintas? Faça um breve relato.**

1. Participante: Sim, é perceptível a maior evolução dos estudantes de práticas que trabalham mais diretamente com Harmonia , como teclado e violão. Os mesmos tem

- mais facilidade em compreender o conteúdo, pois sua base teórica na área de Harmonia são muito boas.
2. Participante: Sim , aparentemente as pessoas que vem de prática de instrumentos harmonicos demonstram mais disposição e base mais forte para seguir os estudos na harmonia , é como se eles fossem mais preparados.
  3. Participante: Sim . Acredito que os estudantes das práticas instrumentais (violão e teclado) tem uma melhor compreensão auditiva de harmonia , já os das disciplinas (sopros e cordas friccionadas) tem (falo de modo individual) tem certas dificuldades na escuta harmônica.
  4. Participante: Sim , principalmente em assuntos sobre construção de acordes. Cadências.Os estudantes que conheciam esses conteúdos tinha mais facilidade do que os demais.
  5. Participante: Sim . Os estudantes da disciplina de violão tiveram maior facilidade em compreender o conteúdo da disciplina de harmonia.
  6. Participante: Sim . Os alunos melódicos tem mais dificuldade de assimilar o conteúdo a primeira vista. Já os alunos harmônicos tem mais facilidade.
  7. Participante: Os alunos que tiveram contato com harmonia previamente tem de longe grande facilidade com o conteúdo da disciplina , que acaba fazendo com que os que não tiveram contato antes terem uma dificuldade enorme.
  8. Participante: Sim. Considerando a partir da Harmonia I , o que percebo é que colegas das práticas de violão e teclado tiveram e têm uma maior facilidade de entender os conteúdos mais rapidamente, talvez por já praticarem isso em seus instrumentos.
  9. Participante:Sim . Quem vem da prática de instrumento solo como clarinete , saxofone, encontram uma dificuldade enorme. Para quem já tocou um instrumento harmônico , fica bem menos complicado.
  10. Participante: Sim. Normalmente, pessoas que não tem contato com instrumento harmônico sentem mais dificuldade, do que as que possuem alguma experiência.
  11. Participante: Sim, porque o ato de aprender nunca é igual.
  12. Participante: Sim. Naturalmente os alunos de instrumentos harmônicos tinham maior facilidade de concepção que os alunos de instrumentos melódicos. Porém, a dificuldade dependia da experiência prévia com a harmonia.
  13. Participante: Sim. Geralmente alunos que tocam instrumento “harmônico” como violão e teclado tem mais facilidade de entender inicialmente, acredito que pelo fato de já terem se familiarizado com o estudo de acordes.

**9. Cite três conteúdos de harmonia que você teve mais facilidade de assimilar e três que teve mais dificuldade.**

1. Participante: Campo harmônico, intervalos, modos. (facilidade) Acordes de empréstimo, Funções do diminuto, Acorde napolitano. (dificuldade)
2. Participante: facilidade: tonalidades, formação de acorde e inversões. Dificuldade: análise de graus, formação de acorde e funções.
3. Participante: 1. Campo harmônico - 2. Função da dominante - 3. Função da diminuta  
Os que mais tive dificuldade : 1. Acorde napolitano - 2. Compreensão Auditiva.
4. Participante: Acorde, cadências, inversões (facilidade) Acorde Napolitano, Forma, Modos Gregos. (dificuldade)
5. Participante: Modos, escalas e harmonia funcional.
6. Participante: Facilidade : Acordes, Escala e Modo . Dificuldade : Análise Funcional, Cadências e Percepção Musical.
7. Participante: Facilidade - Modos gregos, Harmonização de escalas e pluralidade.  
Dificuldade - Harmonia tradicional e funcional , acorde napolitano.
8. Participante: Acredito que o conteúdo que tive um pouco menos de dificuldade foi análise de funções tonais, na Harmonia I. Os restantes, tive muito a sensação de incapacidade , incompetência para aprender , e houve uma defasagem considerável ao finalizar Harmonia I.
9. Participante: Senti dificuldade quando o professor pedia para rearmonizar, pois, como não tinha um pré-conhecimento e nem vivência, não conseguia compreender no ato. Aos poucos é que fui melhorando.
10. Participante: Formação de acordes , relativa e anti-relativa e inversões. Análise de funções, cadências e arranjo.
11. Participante: Não tive dificuldade com o conteúdo.
12. Participante: Função dos acordes ; Cadeamento de vozes , re-harmonização , não lembro de dificuldade em conteúdos de harmonia.
13. Participante: Facilidade – Campo harmônico – funções dos graus. Dificuldade – Inversões na harmonia funcional – uso da dominante secundária.

**10. Após passar pela disciplina de Harmonia, em sua opinião, você teve uma formação coerente com os objetivos propostos pela disciplina? Sente-se preparado para aplicar os conhecimentos abordados nas aulas?**

1. Participante: Não, apenas em partes, porém não me sinto 100% preparado para aplicar determinados conhecimentos de harmonia.

2. Participante: Sinto que aprendi, mas não me sinto preparado para dar uma aula detalhada sobre. Sinto-me frágil nesse quesito.
3. Participante: Não. A abordagem de avaliação e aplicação de conteúdo foi um pouco confuso. E também a minha disponibilidade para aprender. Não sinto preparada.
4. Participante: Em parte sim, pois foram aprimorados os conteúdos que eu já tinha algum conhecimento; os demais conteúdos ainda não ficaram muito claros. Sinto-me preparada apenas para aqueles que eu já tinha domínio.
5. Participante: Sim, Sim.
6. Participante: Ainda estou aprendendo, no momento não me sinto preparado para aplicá-los.
7. Participante: Começamos com um conteúdo bem coerente mais no final o professor dava a impressão de não saber o que passar para a turma, os conteúdos que foram passados de certa forma posso dizer que a maioria eu me sinto capaz de aplicar.
8. Participante: Não. Conforme dito na questão anterior, houve uma defasagem significativa, que está dificultando (consequentemente) o acompanhamento da disciplina Harmonia II. Não me sinto apta a abordar conteúdos de harmonia em minhas demais atividades.
9. Participante: Honestamente tenho que melhorar.
10. Participante: Foi boa, porém não me sinto preparado para repassar determinados conhecimentos.
11. Participante: Ainda não passei pela disciplina.
12. Participante: Sinto-me preparado, porém não apenas por conta da disciplina, que foi um pouco confusa, sem lógica e faltando conteúdos. Meu conhecimento se deve, em grande maioria, por conta de estudos e interesse pessoal.
13. Participante: Estou em Harmonia II, acredito que consigo repassar o que vi até agora, mas ainda tenho muito que aprender em questão de conteúdos.

**11. Pra você, o estudo da linguagem harmônica dentro do currículo do curso de Música - Licenciatura da UFC/Sobral está limitado às disciplinas de Harmonia ou abarca também outras disciplinas (Práticas Instrumentais, Percepção e Solfejo, etc.)?**

1. Participante: Abarca, mas sinto falta de maior diálogo com a disciplina de PI.
2. Participante: Acho que a harmonia deveria ser mais explorada nas disciplinas citadas na questão. Penso que se isso for feito, tanto alunos de práticas instrumentais de instrumentos melódicos quanto harmônicos chegariam mais preparados nas disciplinas de harmonia.

3. Participante: Sim, engloba as outras disciplinas.
4. Participante: Prática Instrumental
5. Participante: Harmonia e análise são as únicas disciplinas que abordam o assunto.
6. Participante: Abarca outras disciplinas. Principalmente Prática instrumental.
7. Participante: Com certeza ela passa por várias outras disciplinas como contraponto, foi falado vagamente em percepção e solfejo eu acredito que deveria ter mais e em prática instrumental é essencial.
8. Participante: Se inclui em outras disciplinas, mas creio que apenas práticas de violão e teclado. Dependendo do professor, há conteúdos de harmonia na disciplina Percepção e solfejo.
9. Participante: No momento sim. Mas no primeiro semestre de harmonia, pouco.
10. Participante: Não. Também está presente nas outras.
11. Participante: Abarca outras disciplinas, mas de forma bem simples.
12. Participante: Abarca sim, mas, infelizmente, depende de cada professor que ministra essas outras disciplinas.
13. Participante: Aborda também outras disciplinas.

**12. Você foi estimulado a compor e/ou improvisar nas aulas de Prática Instrumental e/ou Harmonia? Descreva sobre tais experiências formativas.**

1. Participante: Sim, principalmente em PI, na disciplina de harmonia senti falta de maior estímulo para esses aspectos.
2. Participante: Muito pouco, improvisar em uma parte de uma das práticas.
3. Participante: Apenas em Harmonia (improvisar), compor também. Na disciplina de Percepção e Solfejo, fui incentivada a compor.
4. Participante: Em prática instrumental. Acontecia através de arranjos que os alunos tinham que fazer.
5. Participante: Não. Mesmo que fosse seria inviável, pois não houve alguma abordagem sobre improvisação e/ou composição.
6. Participante: Sim. Nas aulas de Prática o professor de vez em quando realizava exercícios de improvisação.
7. Participante: Não nas aulas de prática, algumas aulas de Harmonia o professor pediu para levarmos os instrumentos e perguntava quem sabia improvisar e colocava os alunos para improvisar nas músicas que tocávamos, mas não me lembro dele ter ensinado nada sobre, já a parte de criação teve muito pouco em harmonia e nada em

prática, na hora das conduções de vozes que foi um dos últimos conteúdos vistos o professor dava uma melodia e a gente tinha que criar as outras vozes.

8. Participante: Sim. A improvisar, embora muito basicamente, na Prática Instrumental III. A compor, na Harmonia II. Ainda não considero que meus conhecimentos nessas questões sejam suficientes para uma aplicação mais “segura”.
9. Participante: Sim nas aulas de prática. Em harmonia só a partir do segundo semestre
10. Participante: Sim. Através de exercícios de composição e rodas de improvisação.
11. Participante: Sim, foi de grande valor para minha formação.
12. Participante: Sim. Na Harmonia fui estimulado, principalmente a re-harmonizar, agora em Prática Instrumental fui estimulado a compor, improvisar, arranjar e usar todo o meu conhecimento, até então, para fazer as atividades da disciplina.
13. Participante: Sim. Na aula de violão temos um momento de improvisação coletiva. Na harmonia estamos trabalhando com composição e arranjos.

**13. Os conteúdos ministrados nas aulas de Harmonia tiveram alguma utilidade para sua prática profissional?**

1. Participante: Sim, me deram um melhor embasamento para o estudo de improvisação.
2. Participante: Sim
3. Participante: Sim
4. Participante: Com certeza, com grande importância. Uma nova forma de aprender uma música nova, através de sua análise.
5. Participante: Sim
6. Participante: Sim. Deram-me embasamento. Mas ainda estou estudando e me preparando.
7. Participante: Sim, eu uso todos os conteúdos tanto para dar aula como para tocar.
8. Participante: Até o momento não
9. Participante: Confesso que minha compreensão musical tem melhorado muito.
10. Participante: Sim
11. Participante: Não trabalho com música
12. Participante: Pouca. Ajudou muito mais para os meus estudos.
13. Participante: Imediatamente apenas alguns outros servem para análise que ainda não estou utilizando muito.

**14. Já foi músico de Banda? Se sim, teve algum tipo de experiência que lhe oferecesse ferramentas para compreender o conteúdo inerente à Harmonia?**

1. Participante: Sim, não.

2. Participante: Sim, a prática em banda me deu a oportunidade de pensar a harmonia de uma forma prática.
3. Participante: Sim. Compreensão da grade e de vozes de instrumentos.
4. Participante: Nunca
5. Participante: Sim, Sim.
6. Participante: Não
7. Participante: Sim, sempre quando toco em conjunto o exercício da harmonia aparece claramente assim como muitos dos conteúdos vistos.
8. Participante: Não. Minha participação em grupos instrumentais se iniciou na própria graduação, e apenas tenho focado em tocar o instrumento.
9. Participante: No festival da Ibiapaba (não lembro o ano) Fui convidado a improvisar em cima de uma partitura com cifras.
10. Participante: Sim. Sim, teve uma iniciação ao conteúdo.
11. Participante: Sim, não tive nenhuma experiência dessas.
12. Participante: Não.
13. Participante: Não.

**15. Consegue descrever em qual momento do Curso você conseguiu utilizar os conhecimentos fomentados nas aulas de Harmonia? Ou ainda não houve oportunidades para pôr em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas?**

1. Participante: Na prática em grupo, principalmente no estudo da improvisação.
2. Participante: Sim, os poucos que consegui acompanhar nas disciplinas de harmonia me foram uteis e necessários nas aulas de análise I e II.
3. Participante: A questão de construção/composição, de coerência de vozes/instrumentos, a distribuição para cada um.
4. Participante: Ainda não tive oportunidade
5. Participante: Apenas na introdução a disciplina de análise
6. Participante: Sim. Na oficina de Música e nas aulas de Harmonia atualmente.
7. Participante: Acredito que principalmente nas aulas de harmonia
8. Participante: Ainda não houve oportunidade. Havendo oferta de disciplinas optativa como Arranjo e composição em horários não simultâneos aos das disciplinas obrigatória, acredito que os conteúdos de Harmonia poderão ser aplicados de maneira mais consistente.

9. Participante: Atualmente no segundo semestre de Harmonia estamos sendo encorajados a compor e reharmonizar baseados nos conhecimentos adquiridos em sala de aula.
10. Participante: No estudo de improvisação.
11. Participante: houve, mas não consigo descrever.
12. Participante: Exercitei harmonia durante a produção de arranjos no ultimo semestre da Prática Instrumental, mas, antes da disciplina de Harmonia.
13. Participante: Sim, ministrando aulas de violão no estágio. Campo harmônico.

Comentário adicional do Participante nº08:

Acredito que os professores de harmonia, deveriam procurar conhecer as turmas a fim de equilibrar o nível dos conteúdos que pretendem abordar. Além disso, a organização e apresentação desses conteúdos devem ser feitas gradualmente, sempre considerando as dificuldades dos alunos, e que alunos são esses (são os instrumentistas melódicos que têm mais dificuldade? Como trabalhar para tentar resolver). Dialogar com a turma sobre como a disciplina e avaliações serão conduzidas também pode ser importante. Partindo para algo mais amplo, penso que desde os semestres iniciais alguns elementos de harmonia deveriam ser inseridos nas aulas de Percepção e Solfejo e em todas as Práticas Instrumentais, não apenas naquelas cujos instrumentos possibilitam a execução harmônica.